

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

O IDEÁRIO REPUBLICANO NA *REVISTA ILUSTRADA* (1876-1889)

FERNANDA COELHO MENDES

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

O IDEÁRIO REPUBLICANO NA REVISTA ILUSTRADA (1876-1889)

Monografia submetida à Banca de Graduação como
requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

FERNANDA COELHO MENDES

Orientadora: Profa. Marialva Carlos Barbosa

RIO DE JANEIRO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **O ideário republicano na Revista Ilustrada (1876-1889)**, elaborada por Fernanda Coelho Mendes.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa
Doutora em História pela UFF
Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Dr. Igor Pinto Sacramento
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Dr. Nilo Sérgio Silva Gomes
Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

MENDES, Fernanda Coelho.

O ideário republicano na *Revista Ilustrada* (1876-1889). Rio de Janeiro, 2013.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

MENDES, Fernanda Coelho. **O ideário republicano na *Revista Ilustrada* (1876-1889).**
Orientadora: Marialva Carlos Barbosa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho discute a simbologia republicana publicada nas páginas da *Revista Ilustrada*, importante periódico carioca que circulou na segunda metade do século XIX. Analisa ilustrações e textos publicados pela revista no período entre 1876, data de sua fundação, e 1889, ano da Proclamação da República. As fontes primárias utilizadas encontram-se no acervo digital da Biblioteca Nacional e são estudadas neste projeto para apontar as diferentes posições que a *Revista Ilustrada* adotou em relação à questão republicana. Além disso, o trabalho também discute a formação da imprensa ilustrada oitocentista e a trajetória da própria *Revista Ilustrada* e seu principal caricaturista, Angelo Agostini.

AGRADECIMENTOS

Aos meus amigos de curso e fora dele, por acreditarem no meu potencial e me ajudarem de diversas maneiras durante esta jornada, especialmente Pedro Luiz Lima, meu maior companheiro tanto nas horas boas quanto nas difíceis.

Aos meus pais, Flavia e Ricardo, que sempre apoiaram minhas decisões e confiaram em mim. Vocês são parte fundamental em todas as minhas realizações e, por isso, serei eternamente grata a todo carinho, amor e compreensão recebidos.

Finalmente, à minha orientadora Prof. Marialva Carlos Barbosa, que me guiou desde o pré-projeto até a conclusão desta monografia com sua incrível disponibilidade, paciência e vasto conhecimento sobre o tema. Não poderia ter encontrado um orientador melhor.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Primeiro exemplar da *Semana Ilustrada*. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 1, p.1, dez. 1860. Acervo: Biblioteca Nacional.

Figura 2 – Caricatura satirizando um político brasileiro. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 183, p. 1, 8 nov. 1879. Acervo: Biblioteca Nacional.

Figura 3 – A *Vida Fluminense* critica a Guerra do Paraguai. *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, nº 14, p. 6, 4 abr. 1868. Acervo: Biblioteca Nacional.

Figura 4 – Primeiro exemplar da *Revista Ilustrada*. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 1, p. 1, 1 jan. 1876. Acervo: Biblioteca Nacional.

Figura 5 – Crítica ao Vaticano durante a Questão Religiosa. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 69, p. 7, 2 jun. 1877. Acervo: Biblioteca Nacional.

Figura 6 – Arte-denúncia contra a escravidão. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 427, p. 4-5, 18 fev. 1886. Acervo: Biblioteca Nacional.

Figura 7 – Patriotismo exacerbado na *Revista Ilustrada*. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 588, p. 8, 26 abr. 1890. Acervo: Biblioteca Nacional.

Figura 8 – Naufrágio do Estado. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 77, p.1, 4 ago. 1877. Acervo: Biblioteca Nacional.

Figura 9 – Quintino Bocaiúva, o farol do Estado. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 63, p. 1, 14 abr. 1887. Acervo: Biblioteca Nacional.

Figura 10 – O Imperador perdendo seu trono. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 283, p. 4, 21 jan. 1882. Acervo: Biblioteca Nacional.

Figura 11 – O peso da coroa. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 257, p. 5, 23 jul. 1881. Acervo: Biblioteca Nacional.

Figura 12 – República renega fazendeiros. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 500, p. 2, 9 jun. 1888. Acervo: Biblioteca Nacional.

Figura 13 – Crítica ao Partido Republicano. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 501, p. 2, 16 jun. 1888. Acervo: Biblioteca Nacional.

Figura 14 – Homenagem à República. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 569, p. 8, 16 nov. 1889. Acervo: Biblioteca Nacional.

Figura 15 – Formação do Ministério. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, Suplemento do nº 569, 16 nov. 1889. Acervo: Biblioteca Nacional.

Figura 16 – Os insatisfeitos com a República. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 570, p. 4, 2 dez. 1889. Acervo: Biblioteca Nacional.

Figura 17 – Homenagem ao Major Solon. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 570, p. 5, 2 dez. 1889. Acervo: Biblioteca Nacional.

SUMÁRIO

- 1. INTRODUÇÃO**
- 2. IMPRENSA BRASILEIRA OITOCENTISTA**
 - 2.1. Um século de transformações
 - 2.2. Imprensa ilustrada e a nova cultura visual
- 3. REVISTA ILUSTRADA**
 - 3.1. Angelo Agostini, artista do lápis
 - 3.2. *Revista Ilustrada* (1876-1898)
 - 3.3. A *Revista* divida em fases
- 4. O IDEÁRIO REPUBLICANO NA REVISTA ILUSTRADA**
 - 4.1. A simbologia republicana na imprensa ilustrada
 - 4.2. Primeira fase (1876-1879)
 - 4.3. Segunda fase (1880-1888)
 - 4.4. Terceira fase (1888-1889)
 - 4.5. Quarta fase (1889)
- 5. CONCLUSÃO**
- 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. INTRODUÇÃO

A história da comunicação no Brasil tem sido tema de muitos estudos em projetos de pesquisa e encontros acadêmicos. Estudar o passado é sempre um exercício, entre tantos outros, que busca a compreensão da nossa história, das nossas origens e da trajetória que nos fez chegar até aqui.

Quando pensamos em Brasil, que passou mais de 300 anos sem atividades de impressão, não podemos considerar que a história da comunicação teve início apenas com a circulação dos primeiros jornais. Tem origem muito mais antiga, nas práticas de oralidade que variavam de região para região, envolviam fortes tradições e causavam certo estranhamento nos viajantes que chegavam às nossas cidades.

Contudo, foi com a vinda da família real ao Brasil e a criação da Imprensa Régia que a comunicação começou, pouco a pouco, a se institucionalizar pelo nosso vasto território. E, por esta razão, não podemos ignorar a importância que os jornais impressos possuem na construção desta trajetória.

Para compreender como chegamos até aqui, é preciso olhar para trás, contemplar o passado, absorvê-lo. Neste sentido, a formação da imprensa ilustrada na segunda metade do século XIX é peça imprescindível para a construção do quebra-cabeça sobre a história da comunicação no Brasil.

Acompanhada de avanços tecnológicos que permitiram o surgimento de uma cultura visual, como a litografia e os novos dispositivos ópticos, a imprensa ilustrada se dissemina pelo país a partir da década de 1850 com suas caricaturas, charges e ilustrações. Com tom “jocosério”, as folhas comentavam os principais assuntos do país a partir do humor, da ironia, do sarcasmo. Assim, criavam um ar de ambiguidade sobre si, onde era difícil distinguir onde acabava a chacota e começava a crítica.

Suas pautas mais frequentes eram os costumes e o cotidiano da sociedade brasileira e as principais questões políticas e sociais. Ao longo do século XIX, tivemos temas centrais para o país abordados por essas revistas, como a Guerra do Paraguai, a Abolição dos escravos, a queda da Monarquia e a Proclamação da República, entre tantos outros.

É neste cenário que surge a *Revista Ilustrada*, criada pelo caricaturista italiano Angelo Agostini em 1876. Com sede no Rio de Janeiro, o periódico circulava por todo o país e é

considerada a mais emblemática publicação ilustrada de sua época. Esteve à frente de importantes campanhas nacionais, levantou bandeiras e encontrou nos traços de Agostini uma maneira original de retratar a sociedade brasileira e exigir o progresso do país. Por sua importância histórica e política e por sua originalidade, a *Revista Ilustrada* é o objeto de estudo desta pesquisa.

A maioria dos trabalhos que se propõe a analisar uma campanha ou assunto específico tratado por este periódico opta pelo tema da Abolição, a principal bandeira levantada pela folha e, principalmente, por Agostini. Nesta pesquisa, contudo, escolhemos uma temática diferente, que apresenta rupturas e continuidades na forma como foi tratada pela revista ao longo dos seus 22 anos de existência: a República.

A partir da análise em conjunto de imagens e textos relacionados a este tema, o objetivo do trabalho é apresentar um caminho para a compreensão da trajetória republicana na *Revista Ilustrada*. Para isso, cada momento desta trajetória será estudado individualmente, de modo a perceber o contexto histórico e as motivações que permeavam o periódico em cada fase.

A metodologia escolhida para esta pesquisa foi, portanto, a da análise interpretativa. Foram selecionados artigos e imagens emblemáticas para ilustrar as diversas situações encontradas durante as fases pelas quais passou a temática republicana na *Revista Ilustrada*. Essas fontes serão estudadas detalhadamente, sugerindo interpretações para cada simbolismo e mensagem nelas contidos.

O período escolhido foi de 1876, ano em que o periódico é criado, até o fim de 1889, momento em que a República é proclamada no Brasil. A escolha deste intervalo de tempo foi feita pensando no tamanho reduzido deste trabalho enquanto monografia, o que impede que o estudo abrangesse toda a trajetória da *Revista* com igual competência, e no próprio interesse de pensar o ideário republicano como elemento em ascendência nas páginas do periódico, encontrando seu ápice justamente com a Proclamação.

Será dado também maior destaque para as duas edições seguintes ao acontecimento, analisando os exemplares por inteiro, de modo a percebermos como foi feita a cobertura da troca de governo pela mais importante folha ilustrada da época. O objetivo é pensar se esta cobertura foi uma coroação do que já vinha sendo feito antes em termos de campanha republicana, ou se expôs as mudanças de orientação editorial às quais as publicações da época estavam suscetíveis.

Para podermos refletir sobre a trajetória republicana traçada pela *Revista*, contudo, é preciso antes compreender o contexto histórico no qual ela surgiu e, em um segundo momento, como ela própria foi formada, quais eram suas principais características e que outras importantes temáticas estiveram presentes em suas páginas.

Por isso, começamos o segundo capítulo com uma breve retrospectiva sobre como surgiu a imprensa no Brasil, para estudarmos, em seguida, qual era o contexto do desenvolvimento da imprensa ilustrada. O objetivo é pensar sobre como esta imprensa pôde ser criada e disseminada entre os leitores brasileiros e qual a sua relação com a nova cultura visual que se espalhava pelo mundo naquele momento. Os avanços tecnológicos e a comunicação através de imagens seriam imprescindíveis para a consolidação desses novos periódicos.

Ainda neste capítulo, será feito um estudo sobre a imprensa ilustrada de modo geral, suas principais características, assuntos abordados, formato, tipos de máquinas utilizadas e seu público leitor. Em seguida, serão apontadas as principais revistas que circularam pelo Brasil no século XIX, com um breve resumo sobre seus perfis, linha editorial, período em que foram publicadas e principais criadores ou colaboradores.

O terceiro capítulo, por sua vez, tem como foco o objeto de estudo, a *Revista Ilustrada*. Para melhor compreendê-la, começaremos resgatando a trajetória profissional do criador e principal artista do periódico: Angelo Agostini. Analisando seu desenvolvimento como ilustrador desde a primeira folha da qual fez parte, o *Diabo Coxo*, até a criação da *Revista Ilustrada*, será possível refletir sobre a sua formação e como seus trabalhos anteriores colaboraram para a orientação que ele viria implantar na *Revista*.

Em seguida, analisaremos o periódico. Serão enfocadas suas principais características e temas publicados, a disposição de suas páginas, periodicidade, infraestrutura da redação, gráfica, principais redatores, entre outras informações que forem pertinentes.

Em um segundo momento, serão estudadas as diferentes fases pelas quais o semanário passou. A primeira corresponde aos anos áureos da *Revista*, comandada pelo traço original de Agostini e consolidada pela vitória de sua principal bandeira, a Abolição dos escravos. A segunda trata da saída de Agostini do comando do jornal, quando o caricaturista se muda para Paris, o que influencia as mudanças do periódico, principalmente no que se refere à linha editorial e à regularidade das suas publicações.

Uma vez compreendido o cenário da imprensa ilustrada no Brasil e a trajetória da *Revista Ilustrada*, passamos para o quarto capítulo, onde é analisado o ponto central deste trabalho, o ideário republicano nas páginas do periódico. Para a melhor compreensão da simbologia estudada, será feita uma reflexão sobre as representações de República surgidas na França com a Revolução de 1789 e de que forma estas alegorias passaram a ser incorporadas pela imprensa brasileira.

Em seguida, o período estudado de 1876 a 1889 será dividido em quatro fases, com o objetivo de perceber as diferenças e semelhanças entre elas, seus diferentes contextos e formas de abordar a questão republicana. Para isso, serão escolhidas duas ilustrações que sintetizem as características de cada fase, mas tentando-se evitar a repetição de imagens que já tenham sido trabalhadas por outros autores de forma recorrente. Soma-se à análise textos que complementem as charges e caricaturas e ajudem a interpretá-las.

Na última fase, contudo, será feito um estudo das duas edições publicadas logo após a Proclamação, o que implica na exposição de um maior número de imagens. As fontes primárias utilizadas neste capítulo serão todas retiradas do arquivo digital da Biblioteca Nacional, podendo ser acessadas pelo leitor a qualquer momento.

Na conclusão do trabalho, o objetivo é apresentar um fechamento para o tema e sintetizar algumas razões para a existência de diferentes linhas editoriais adotadas pela *Revista* ao longo da sua existência. A finalidade desta pesquisa não é, de forma alguma, uma tentativa de esgotar tanto a temática do periódico quanto da questão republicana, mas sim de propor novas possibilidades.

Portanto, ao final, será feito um esforço para sugerir possíveis caminhos e apontar pesquisas que ainda precisem ser feitas para aprofundar o conhecimento acadêmico sobre este objeto de estudo. Contudo, esperamos também colaborar com novas reflexões sobre o tema e servir de fonte secundária para novos trabalhos.

2. IMPRENSA BRASILEIRA OITOCENTISTA

Para pensarmos o contexto em que surgiram as primeiras revistas ilustradas brasileiras, será feita uma breve exposição sobre a introdução e o desenvolvimento da imprensa no país até a década de 1850. Em seguida, discutiremos o surgimento de uma nova cultura visual ao longo do século XIX como cenário para a difusão de imagens que chegariam com a imprensa ilustrada. O restante do capítulo se ocupa em expor a trajetória desta imprensa, apontando suas características, formato, colaboradores e principais revistas.

2.1 Um século de transformações

Até o ano de 1808, quando D. João XI chegou ao Brasil com a Corte portuguesa, era proibida qualquer atividade de impressão no vasto território colonial. Tendo a publicação de jornais e a tipografia como atividades proibidas, o Brasil passou seus primeiros 300 anos sem imprensa. Com a chegada da Corte, no entanto, tornou-se imperativo a existência de um prelo que deveria publicar editos reais, comunicados diversos para os súditos e papéis burocráticos variados. Foi assim, na esteira da chegada de D. João ao país que a Imprensa Régia foi implantada, com a principal função de permitir o funcionamento do aparelho burocrático da nova sede da Coroa portuguesa. Nesta gráfica surgiria também o primeiro impresso no Brasil, *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808-1822).

Tendo como principal público leitor a Corte emigrada de Portugal, a *Gazeta* divulgava papéis oficiais do Governo, trazendo decretos de D. João, informações administrativas e notícias sobre a Corte e sobre o que acontecia no resto do mundo, sempre filtrados pelo interesse português. Contudo, o jornal não era um órgão oficial da Coroa e, buscando atingir um número maior de leitores, também publicava informações as mais diversas sobre o cotidiano da própria cidade.

Segundo Barbosa (2013), as principais fontes do periódico vinham de gazetas europeias e cartas enviadas para a Corte, que chegavam ao Brasil através de navios, e dos modos orais de comunicação, a chamada “rede de boatos”, ou seja, informações provindas de conversas entreouvidas, do “disse-me-disse”, que muitas vezes eram aproveitadas pelo jornal para divulgar notícias sobre o Rio de Janeiro.

A aparente imprecisão da informação fazia parte de uma rede de construção textual que valorizava o dito ao invés da fala. [...] Notícia no século XIX não tinha o mesmo sentido de informação nova e recente que terá a partir do século XX. Naquele momento, notícia é ilustração, esclarecimento, conhecimento de algo até então não sabido. Não importava se o não sabido era temporalmente próximo ou distante.¹

Nesta primeira fase da imprensa brasileira, todos os jornais passavam por censura prévia. Para fugir da ação censória, alguns jornais eram produzidos fora do Brasil, como é o caso do *Correio Braziliense*, criado pelo português Hipólito José da Costa. Influenciado por ideais liberais, Hipólito escrevia seu jornal na Inglaterra, que circulava clandestinamente no Brasil, defendendo entre outros assuntos de oposição à Coroa. Além desses jornais, circulou na Bahia, nestes tempos que podem ser considerados como primórdios da imprensa no Brasil, *Idade d'Ouro no Brasil* (1813-1821) e *O Patriota* (1813-1814), publicado no Rio de Janeiro e voltado para a difusão do conhecimento científico.

Com o fim da censura prévia em 1821 e a independência do país no ano seguinte, o cenário tornou-se favorável para a criação de novos jornais, que passaram a ter papel social e junto às elites políticas, influenciando o sistema político da época. Segundo Barbosa (2013), apesar de o Brasil ainda ser composto por grande maioria de analfabetos, o mundo dos sentidos e das expectativas das práticas em torno dos impressos se expandia: “A tecnologia da escrita e da impressão ampliou o alcance visual, permitindo a chegada de informações de outros lugares e de outras pessoas, promovendo gradualmente mudanças nas relações sociais”².

Os jornais eram extremamente engajados na luta política e a sua linguagem era forte e virulenta. O jornal era, antes de tudo, um panfleto político. Podiam ser de grandes causas, mas também existiam os de causas pequenas, que eram criados para reivindicar interesses específicos. Conquistados os interesses, a publicação era encerrada, o que tornava a imprensa brasileira da época irregular e efêmera.

Barbosa (2013) destaca que a imprensa cumpria muitas vezes o papel de “aplacar rumores”, fornecendo credibilidade aos avisos governamentais em função da durabilidade da palavra escrita, mas, acima de tudo, o jornalismo era o “palco da política”:

¹BARBOSA, 2013, p. 47-48.

²Idem, p. 56-57.

A imprensa servia, portanto, para o que ‘os atos e providências’ de diferentes governos chegassem ao conhecimento de todos. Mas os jornais tinham outras funções: definir a posição adotada; expressar opiniões e juízos de valor; discutir as palavras da ordem do dia; e ampliar conhecimentos, dando aos que manejavam a pena o privilégio de instruir, educar, enfim levando às *Luzes* àqueles que estavam “imersos nas trevas da ignorância”.³

Apesar do surgimento de novos jornais (apenas em 1822, tivemos a criação de 11 periódicos só no Rio de Janeiro), não podemos esquecer que as condições de produção ainda eram precárias, com tipografias limitadas, o que aumentava o risco de imprevistos e tornava difícil para as folhas manter a regularidade e mesmo se sustentar por muito tempo. Assim, como veremos a seguir, além de não ter dia certo para sair, a maioria desses periódicos tinha duração efêmera.

Alguns dos principais jornais que surgiram nessa época foram *O Espelho* (1821-1823), de Manoel Ferreira de Araújo Magalhães, publicação a favor do Governo, *A Malagueta* (1821-1822/1828-1829/1832), de Luis Augusto May, *Correio do Rio de Janeiro* (1822-1823), de João Soares Lisboa, *Tifis Pernambucano*, de Frei Caneca, *O Tamoio* (1823), jornal antilusitano fundado pelos irmãos Andrade, *Aurora Fluminense* (1827-1839), de Evaristo Veiga, com posição mais ponderada e texto polido, e *A Tribuna do Povo* (1830-1832), de Francisco das Chagas de Oliveira França. O *Diário de Pernambuco* e o *Jornal do Commercio*, fundados respectivamente em 1823 e 1827, circulam até hoje e representaram uma exceção para a imprensa brasileira da época, no que diz respeito à perenidade das publicações.

Segundo Marcus Tadeu Daniel Ribeiro (1988), a fase mais combativa e puramente política da imprensa brasileira foi durante o turbulento período do Primeiro Reinado e das Regências. Nos anos que se seguiram à posse de D. Pedro II, com a relativa tranquilidade do Segundo Reinado, o jornalismo deixa de ser tão-somente político, abrindo espaço para assuntos variados e para a crônica literária.

Assim, ainda segundo o autor, quem escreve o jornal na primeira fase da imprensa brasileira é o militante, sendo gradualmente substituído por literatos e artistas nos jornais e nas revistas ilustradas que surgem a partir da metade do século XIX. São esses intelectuais que, para Ribeiro, se tornam os protagonistas do debate que se abriria na imprensa sobre as campanhas

³Idem, p. 75.

abolicionista e republicana. Alguns desses nomes foram Saldanha Marinho, José Bonifácio, Teófilo Otoni, Francisco Otaviano, Martins Francisco, Quintino Bocaiúva e Joaquim Nabuco. Além disso, importantes nomes da literatura brasileira também colaboraram como redatores ou escrevendo folhetins, como Gonçalves Dias, José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo e Machado de Assis.

Desta forma, quando o tema político retorna para o centro da imprensa, os personagens envolvidos possuem motivações diferentes dos que participaram das disputas políticas no Primeiro Reinado e nas Regências. É neste contexto que, como veremos mais adiante, a arte e principalmente a caricatura ganham espaço nos jornais.

A segunda metade do século XIX representou um período de crescimento e transição para o país e para o jornalismo brasileiro. O desenvolvimento das cidades a partir de 1850 reflete o aumento do público leitor para a imprensa, inclusive de grupos pouco considerados quanto se reflete sobre essa questão⁴.

O alargamento das possibilidades leitoras, em função da inclusão de ilustrações abundantes já na segunda metade do século XIX, possibilitado pelo avanço tecnológico das litografias, que permitiram a proliferação das chamadas revistas ilustradas, deve ser também considerado nesse panorama.

Ainda que as tiragens dessas publicações fossem reduzidas (estima-se, por exemplo, que a *Revista Ilustrada* imprimia mil exemplares), as discussões dos temas mais contemporâneos, inclusive a temática da Abolição, faziam dessas publicações no cenário de transformações da imprensa na segunda metade do século XIX, ícones dos novos tempos que tinham no progresso a expectativa de um futuro redentor.

Outros fatores foram importantes, também, para a consolidação da imprensa brasileira: o adensamento populacional das cidades e com ele a expansão do público leitor; a introdução de tecnologias capazes de reproduzir em imagens o que antes podia ser expresso apenas sob a forma de texto; a expansão do espaço público como arena de debates e a inclusão dos periódicos como protagonistas nos debates políticos, entre outros⁵.

⁴Barbosa (2013) chega a identificar entre os prováveis leitores e letrados do século XIX escravos ou recém-libertos, descrevendo as práticas leitoras e letradas desse público.

⁵Sobre a importância da imprensa na formatação do espaço público, cf. Marco Morel. As transformações dos espaços públicos – Imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial. São Paulo: HUCITEC, 2005. Sobre a expansão e importância da imprensa no final do século XIX cf. Marialva Barbosa. História Cultural da Imprensa (1800-1900). Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

Assim, avanços tecnológicos, entre os quais a possibilidade de editar imagens ao lado dos textos, foram importantes para que as publicações assumissem uma nova face editorial. Nas décadas seguintes, a introdução de novos processos gráficos e de produção dos periódicos – a implantação das linotipos que substituem a composição manual e de impressoras modernas e capazes de imprimir até 20 mil exemplares por hora – modifica não só os processos de produção, como também permitem a redução dos custos das publicações e a ampliação do mercado consumidor. A imprensa ilustrada, tema deste trabalho, só se tornou possível com o desenvolvimento dos processos de litografia⁶.

Desta forma, a imprensa ilustrada passou por um significativo crescimento na segunda metade do século XIX, compondo parte do quadro jornalístico brasileiro nas décadas de 70 e 80, quando houve o acirramento de temas políticos centrais como a Guerra do Paraguai, a Abolição e a República.

2.2 Imprensa ilustrada e a nova cultura visual

Antes de falarmos do surgimento e consolidação da imprensa ilustrada e suas principais revistas, cabe uma reflexão sobre o universo imagético que se desenvolvia na segunda metade do século XIX, momento de explosão de visualidades que formava, no Brasil e no mundo, um novo tipo de observador.

Segundo os estudos de Crary (1994)⁷, a reestruturação do saber e das práticas sociais no começo do século XIX incentivaram um reposicionamento do observador, a partir de uma ruptura com “os modelos clássicos de visão herdados do Renascimento”⁸. Nestes modelos antigos, a forma de projeção das imagens impedia que o observador percebesse a relevância da sua posição espacial como parte da representação imagética. Os novos avanços tecnológicos, contudo, passaram a considerar “o funcionamento do olho como parte integrante do ato de ver”⁹.

⁶O desenvolvimento da litografia no Brasil se dá, sobretudo, a partir da década de 1870. Dezenas de revistas ilustradas aparecem sobretudo a partir de 1860, fazendo da imagem arma de combate para um público que ia sendo paulatinamente construído. Sobre a importância das litografias e da fotografia para a imprensa ilustrada cf. “A vida cotidiana em cenas ilustradas”. In: BARBOSA, 2013.

⁷CRARY, apud SILVA, 2006.

⁸SILVA, 2006, p. 14.

⁹Idem, p. 15.

Ao utilizar o próprio ato da visão como fator complementar ao seu funcionamento, [os novos dispositivos ópticos] inauguram um novo observador, como é o caso dos aparelhos que produzem a ilusão do movimento (taumatrópio, fenaquitoscópio, zootrópio e variações) e dos estereoscópios, que produzem a ilusão de profundidade e relevo.¹⁰

Kossoy (2001) aponta também para o fenômeno de “civilização da imagem”, que começa a se formar quando a litografia passa a reproduzir em série obras produzidas pelos artistas do princípio do século XIX, inaugurando o “consumo da imagem enquanto produto estético de interesse artístico e documental”¹¹. Para o autor, esta nova civilização se consolida quando a “imagem fotográfica se vê impressa e veiculada em massa através dos cartões-postais e das publicações ilustradas”¹².

Silva (2006) estuda essas novas possibilidades tecnológicas e como elas foram inseridas no Brasil. Segundo a autora, os dispositivos ópticos passaram a fazer parte das maiores cidades brasileiras, principalmente a Corte, a partir da década de 1850. Esses dispositivos eram apresentados tanto como diversão quanto como “ciência”, instruindo o povo brasileiro sobre as novidades estrangeiras. Além do interesse por essas invenções científicas, o público também era atraído pelas imagens de guerras, cenas históricas e vistas de outros países, sobretudo os europeus, que consistiam nos principais conteúdos exibidos pelos dispositivos.

Inicialmente expostas em teatros, galerias e residências especialmente preparadas como casas de espetáculo, os ingressos cobrados por essas tecnologias ópticas na Corte eram mais baratos do que os concertos e as peças teatrais frequentados pela aristocracia, o que ajudou a difundi-las pela população.

A partir da metade do século, contudo, os dispositivos ópticos começaram a ser expostos também no ambiente público, em feiras e festas de rua, principalmente as celebrações religiosas, e também percorrendo as ruas da cidade nas mãos de exibidores ambulantes. Assim, os aparelhos se difundem como forma de diversão e conhecimento, e “um mundo de referências visuais se abre à população do, então, Distrito Federal”¹³.

¹⁰ Idem, p. 16.

¹¹ KOSSOY, 2001, p. 134.

¹² Idem, p. 135-136.

¹³ SILVA, 2006, p. 36.

Este extenso repertório de imagens apresentado ao público, somado às novas formas de observação desenvolvidas através dos dispositivos ópticos, contribuíram para o surgimento do observador da modernidade e para a construção de uma nova realidade, a “cultura visual”. Estes novos elementos seriam imprescindíveis para o surgimento e consolidação da imprensa ilustrada no país.

Assim, o século XIX viveu uma atmosfera de modernidade e transformação, através, principalmente, da dessacralização da imagem que se industrializa. Imagem que, na imprensa ilustrada, passa a complementar o texto, aumentando o alcance e a compreensão de seu público leitor. Para Barbosa, “ver a imagem passa a ser produzir interpretações com sentido crítico: a imagem se transborda em pensamentos”¹⁴.

É neste contexto de novas experiências sensoriais produzidas pelas ilustrações que as revistas ilustradas ganham força na imprensa brasileira. As imagens impressas retratavam o cotidiano das ruas, os conflitos sociais e políticos, paisagens, cidades distantes, personagens... uma infinidade de elementos que levava o leitor a entrar em contato com novos mundos, apreendendo aquilo que ele via como a realidade e resultando em uma grande transformação na forma de ler. Para Barbosa, “as revistas ilustradas podem ser consideradas o primeiro suporte comunicacional destinado a um público que se pretendia mais vasto e que fazia da imagem seu arcabouço narrativo principal”¹⁵.

A imprensa ilustrada no Brasil começou a aparecer nos anos 1830 e, até a sua consolidação no último quadriênio do século XIX, passou por uma série de transformações. A impressão nos jornais ilustrados era ainda mais custosa, pois o principal processo usado para gravação, a litografia, não permitia colocar texto e imagem na mesma folha.

O alto custo da impressão representou uma dependência inicial entre esta imprensa e o Estado. Dependência que só diminuirá, segundo Ribeiro, “com o crescimento do público leitor, gerado tanto pelo aumento populacional, como também pelo acréscimo percentual da população de leitores, propiciado pelo incremento à educação do País”¹⁶, permitindo que as revistas ilustradas se consolidem, pouco a pouco, no mercado consumidor brasileiro.

Desta forma, a imprensa ilustrada não se constituiu em um bloco fechado de oposição ao Governo, como muitas vezes se pensa. Pelo contrário, muitas revistas eram abertamente

¹⁴BARBOSA, 2013, p. 169.

¹⁵Idem, p. 170.

¹⁶RIBEIRO, 1988, p. 154.



Figura 1: Primeiro exemplar da *Semana Ilustrada*. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, dez. 1860.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

favoráveis ao Estado, algumas liberais, outras conversadoras, e assim por diante. O que é importante destacar é que a ilustração sofre diversas transformações entre 1830 e 1870-80, quando se consolidava pelas mãos de Angelo Agostini, criador da *Revista Ilustrada*. Tanto nas questões ideológicas, quanto devido aos avanços tecnológicos e às diferentes posições dos artistas, a imprensa ilustrada no século XIX foi heterogênea e aos poucos conquistou lugar de importância no cenário político e social brasileiro, como veremos a seguir.

Diversas formas de caricatura já podiam ser encontradas na sociedade brasileira antes da sua aplicação na imprensa, como nas fantasias e máscaras de carnaval, nos folguedos populares, no teatro, na prosa, na poesia e nas belas-artes. Em diversas regiões do país a caricatura, sob variadas formas, era utilizada para satirizar principalmente políticos e pessoas de relevo social.¹⁷ Sobre as caricaturas como forma de humor satírico, Marcelo Balaban afirma que elas “não apenas nos contam histórias, elas têm história. Foram feitas em momentos determinados, com intenções particulares, por pessoas preocupadas em participar dos sempre insuspeitados, e imprevisíveis momentos do devir”¹⁸.

Contudo, é na imprensa, através de jornais e revistas ilustradas, que a caricatura se difunde e ganha destaque através da sua linguagem simples, direta e jocosa. Todos os temas de importância para a sociedade da época eram abordados, mas o principal assunto dos caricaturistas era a política. Assuntos como a Guerra do Paraguai, as disputas entre conservadores e liberais, a Abolição, o governo de D. Pedro II e a República eram recorrentes nas páginas dessas publicações.

Marcos César Silveira (1996) argumenta que as folhas ilustradas se auto-atribuíam o papel de “julgadoras dos costumes”, uma vez que consideravam sua atividade como possível de desvendar o imaginário social através de suas imagens, em especial da elite política e econômica brasileira, principal público leitor dos jornais em meados do século XIX.¹⁹

Segundo Balaban (2005), os hebdomadários caricatos podiam ser interpretados tanto como publicações meramente decorativas, cuja única função era divertir o leitor e fazer rir, quanto como folhas políticas que faziam suas críticas através do humor. O historiador argumenta que era justamente esta ambiguidade presente nos periódicos a principal força da imprensa ilustrada e a causa do seu sucesso junto aos leitores, e também o principal argumento que

¹⁷Idem, p. 101.

¹⁸BALABAN, 2005, p. 5.

¹⁹SILVEIRA, apud BALABAN, 2005, p. 146.

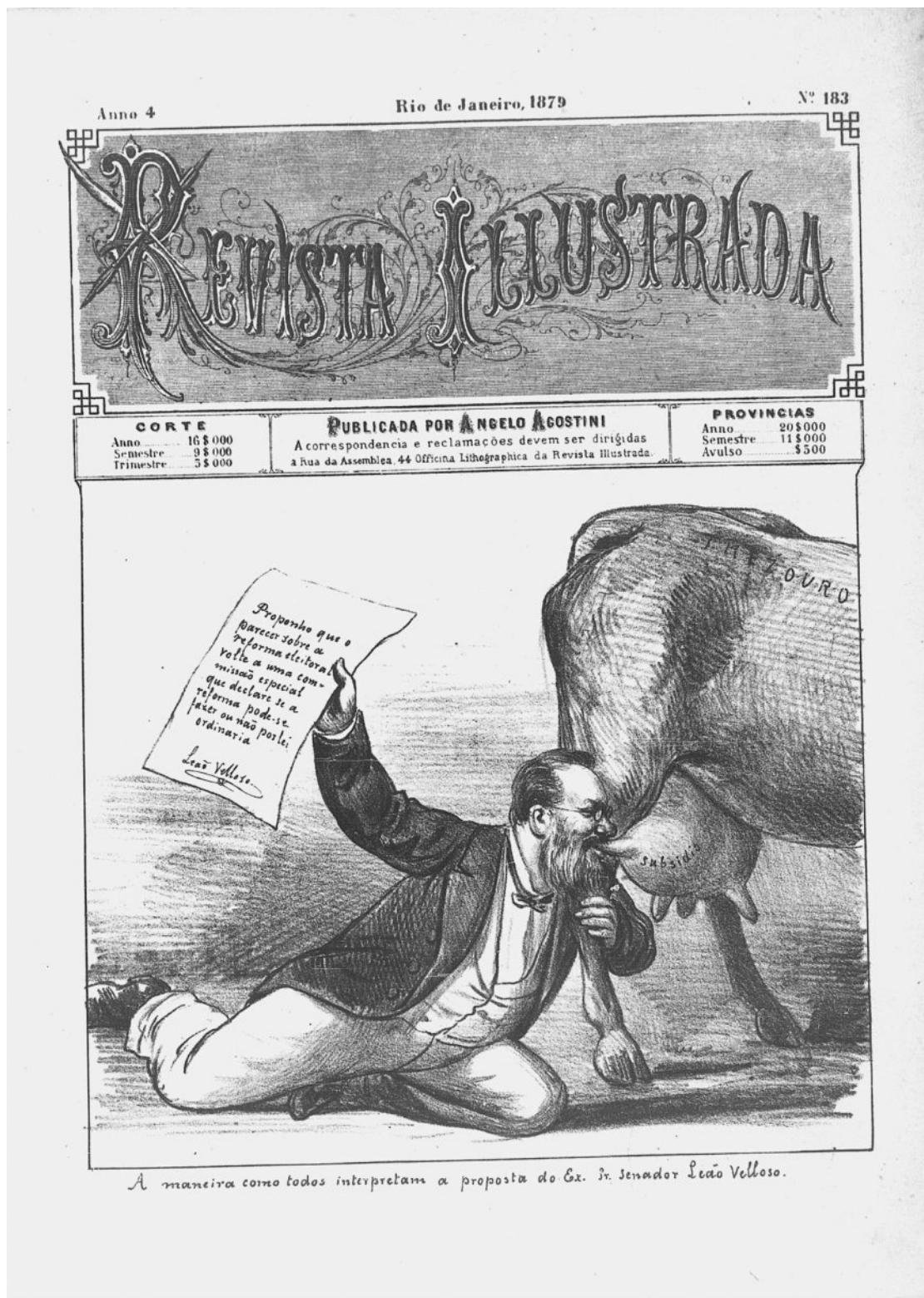


Figura 2 – Caricatura satirizando um político brasileiro. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 8 nov. 1879.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

Agostini usaria como defesa de suas caricaturas na *Revista Ilustrada*.

A importância da imprensa ilustrada e da caricatura política também é destacada por Ribeiro:

Neste sentido, a caricatura possui um caráter reformador e, não raro, revolucionário. Sua atuação, longe de deturpar os fatos e as pessoas através do traço humorístico, consiste em desvendar verdades, demonstrando, ao público leitor, o que está por trás de certas conjunturas. A caricatura política é o ramo que mais importância terá na história da caricatura deste e de outros países. Sua atuação revela as situações políticas típicas de uma sociedade desigual como a do Brasil, concorrendo para o esclarecimento da opinião pública acerca dos rumos políticos da sociedade.²⁰

Há um debate historiográfico sobre qual jornal teria sido o primeiro a publicar uma caricatura em suas páginas. Para Max Fleiuss e Ribeiro (1988) o primeiro periódico foi o *Carcundão*, jornal de poucos recursos que circulava em Recife em 1831. Publicada em 25 de abril daquele ano, a caricatura consiste em um misto de corpo de homem corcunda e cabeça de burro impedindo uma coluna grega que se partiu de atingir o chão. Segundo Ribeiro, a palavra “corcunda” era utilizada pelos liberais em Recife para designar os conservadores absolutistas, enquanto o pilar grego simbolizava civilização, sabedoria e tradição. Assim, a ilustração seria uma exaltação aos conservadores, ao indicá-los como guardiões dos valores éticos e morais. Em maio daquele ano o jornal publica sua segunda caricatura, com o mesmo corcunda, agora deitado no chão, esmagado pela coluna grega. A autoria das ilustrações é desconhecida.

Contudo, Herman Lima, autor de *História da Caricatura no Brasil*, discorda desta informação por acreditar que a expressão caricatural do *Carcundão* não é significativa, uma vez que o jornal só publicou três exemplares. Para o historiador, o primeiro periódico de importância a publicar caricaturas foi *A Lanterna Mágica – periódico plástico filosófico* (1844 – 1845), jornal com o propósito de ser, de fato, uma folha ilustrada.

De nítida inspiração na caricatura francesa, os textos publicados pela *Lanterna* correspondiam ao tema abordado pela ilustração, que, por sua vez, tinha a legenda como parte importante para a compreensão da mensagem. *A Lanterna Mágica* teve como principal redator o escritor e artista Manuel Araújo Porto Alegre, enquanto seu principal caricaturista foi Rafael

²⁰RIBEIRO, 1988, p. 103.

Mendes de Carvalho. Com o intuito apenas de fazer rir, a folha não produzia críticas direcionadas a episódios ou pessoas específicas, preferindo tratar de questões mais genéricas. Contudo, o fato de ter sido o primeiro periódico a publicar regularmente ilustrações satíricas confere à *Lanterna Mágica* lugar de importância na imprensa ilustrada brasileira.

Com o passar do tempo, pode-se observar uma perda gradual da importância das legendas, enquanto o humor passa a se concentrar cada vez mais na parte ilustrada da caricatura. Nas obras de Angelo Agostini, por exemplo, essa mudança é bastante acentuada, como analisaremos mais adiante.

Além d'A *Lanterna Mágica*, outras folhas também foram importantes para compor a história da imprensa ilustrada no Brasil, como a *Marmota Fluminense – jornal de modas e variedades* (1849-1861), editada por Paulo Brito, voltada para o público feminino; a *Ilustração Brasileira* (1854-1855), jornal de Ernesto de Sousa e Oliveira Coutinho e Ciro Cardoso de Menezes, com cunho basicamente literário, traduzia textos da revista francesa *Illustration Française* e evitava se aprofundar em questões políticas; *O Brasil Ilustrado – publicação literária* (1855-1856), de Ciro Cardoso de Meneses, F. J. Bethencourt da Silva e Francisco de Paula Meneses, entre outros, formado por textos literários e ilustrações, favorável ao Imperador; a *L'Iride Italiana* (1854-1856), de Alexandre Galleano-Ravara e, posteriormente, P. Bosisio, com suas charges voltadas para o tema teatral.²¹

Como podemos observar, a maioria das folhas ilustradas até o fim da década de 1850 não abordava a política em suas caricaturas, deixando este papel para os jornais. Com orientação majoritariamente literária, as folhas optavam por temas genéricos, como os costumes da sociedade brasileira.

No entanto, partir da década de 1860, principalmente com a Guerra do Paraguai, o debate político volta a se acirrar, o que se reflete na imprensa como um todo. A partir desta época o número de revistas ilustradas aumenta consideravelmente, impulsionado pela difusão de estabelecimentos litográficos: enquanto em 1844, no Rio de Janeiro, havia apenas três oficinas de litografia, em 1875 esse número passa para 32 estabelecimentos.²²

Além de produzir desenhos para serem gravados em revistas e jornais, essas oficinas também criavam selos, cartazes, rótulos para produtos, estampas, entre muitas outras gravuras, o

²¹As informações específicas sobre as revistas ilustradas citadas neste trabalho foram retiradas da dissertação de mestrado de Marcus Tadeu Daniel Ribeiro (1988).

²²IPANEMA, apud BARBOSA, 2013, p. 170.

que colaborou para a divulgação e popularização das imagens pelo Brasil.²³ O uso das ilustrações passa, então, a influenciar diretamente na posição de um público que ia sendo construído ao longo de todo o século XIX, difundindo uma imagem de país e construindo um sentido para a nação.²⁴

O modelo padrão das revistas passa então a ser uma publicação com oito páginas, sendo quatro com ilustrações e quatro com texto corrido. O mais comum era que o processo de gravação fosse feito em folhas, que depois eram dobradas. Portanto, a montagem do periódico geralmente era feita com imagens nas páginas 1, 4, 5 e 8 e texto no verso, ou seja, nas páginas 2, 3, 6 e 7.²⁵

A *Semana Ilustrada* (1860-1876), inaugurando esta nova fase das publicações de caricaturas, circulou por 16 anos, com 791 edições. Assumiu posição declaradamente a favor da Monarquia, com linha editorial conservadora, criticando por diversas vezes as folhas de orientação liberal. Dirigida por Henrique Fleiuss, a revista publicava artigos e caricaturas elogiando os feitos do Governo, principalmente na Guerra do Paraguai. Os periódicos liberais, por sua vez, também criticavam as publicações da *Semana Ilustrada*, como o *Bazar Volante* (1863-1867) e, principalmente, *A Vida Fluminense* (1868-1875), através de Angelo Agostini.

O *Bazar Volante*, jornal de posição inicialmente mais liberal, passou por diversas orientações jornalísticas e trocou algumas vezes de nome, proprietários e ilustradores, prática recorrente na imprensa oitocentista em virtude da dificuldade de manutenção dos periódicos. Assim, em 1867, o *Bazar* passa a se chamar *O Arlequim*, jornal onde apareceram as primeiras críticas cariocas sobre a situação escravocrata no Brasil e no qual colaborou Angelo Agostini. O título durou até 1868, quando se torna *A Vida Fluminense*, fase mais duradoura e importante da publicação.

Agostini torna-se o principal redator d'*A Vida Fluminense* e é o responsável pelo viés combativo adotado pela folha, publicando charges contra os jornais favoráveis ao Governo. É também aqui que o caricaturista desenvolve um dos principais temas que permearão sua carreira artística: a crítica à escravidão. Além disso, Agostini também ilustrou os tipos populares cariocas, iniciando uma série, em junho de 1870, intitulada “Cenas das ruas do Rio de Janeiro”.

²³BARBOSA, 2013.

²⁴ZENHA, apud BARBOSA, 2013.

²⁵BARBOSA, 2013.

Foi esta folha que inaugurou o modelo de revista com 12 páginas, mantendo a característica de metade do número de folhas com imagens e a outra metade com texto corrido.

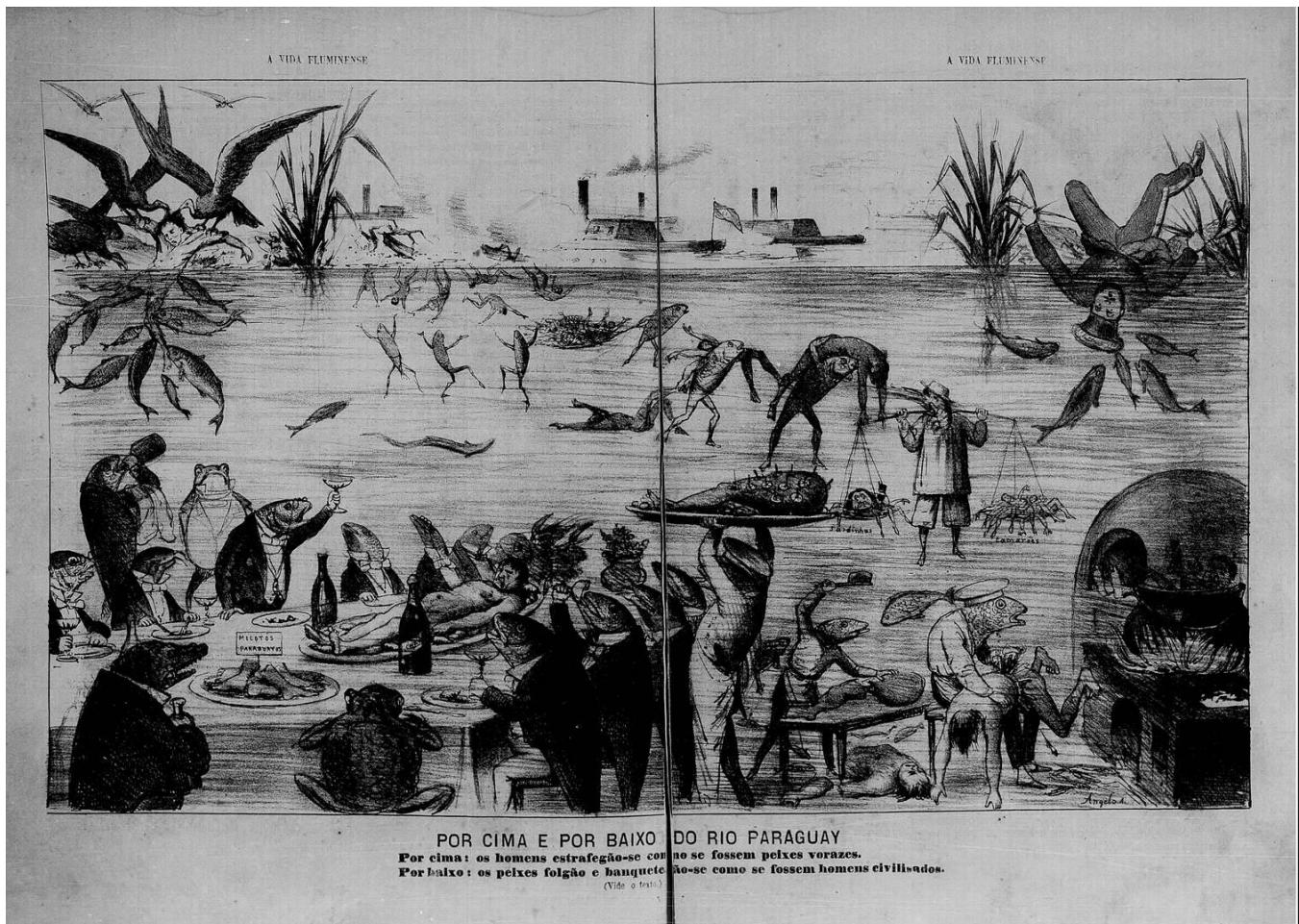


Figura 3 – A Vida Fluminense critica a Guerra do Paraguai. *A Vida Fluminense*, Rio de Janeiro, 4 abr. 1868.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

De 1876 a 1878, já sem Agostini, que fundara a *Revista Ilustrada*, *A Vida Fluminense* passa a se chamar *O Fígaro – folha ilustrada*, com menos vigor artístico e político. Diferentemente da linha editorial de suas antecessoras, adotou orientação favorável ao Governo, produzindo caricaturas dos situacionistas de forma elogiosa. Em 1878, a revista encerra suas atividades, com o título de *A Lanterna*, de pouca expressão na imprensa fluminense.

Seguindo esta nova tendência de viés político, circulou também o *Ba-Ta-Clan* (1867-1871), escrito todo em francês e dirigido por Charles Berry. O periódico foi o primeiro a publicar caricaturas em cores, cujos temas eram assuntos teatrais, políticos e de costumes sociais. Com orientação declaradamente oposicionista, o *Ba-Ta-Clan* publicava críticas contra o Governo. Já A *Comédia Social* (1870-1871) adotou postura mais contida em relação ao Governo, destacando-se pela crítica de costumes e pela campanha a favor da França na Guerra Franco-Prussiana (1870). Mais tarde foi absorvida pelo *O Mosquito*.

Diferentemente da maioria das revistas citadas, o *Mequetrefe* (1875-1893) teve maior longevidade, sendo publicado durante 18 anos, e dividia com a *Revista Ilustrada* o prestígio e a preferência do público. Nele colaboraram importantes artistas e literatos, como Aluísio Azevedo, Cândido de Faria, Pereira Neto, Olavo Bilac e Arthur Azevedo. Oposicionista, manteve orientação independente e anticlerical, com linguagem mais moderada que a folha de Agostini.

Cabe também mencionar a importância de jornais como *O Mosquito*, *Diabo Coxo* (1864-1865) e *Cabrião* (1866-1867), que serão referidos quando for analisada a trajetória artística de Angelo Agostini.

3. REVISTA ILUSTRADA

Este capítulo tem como foco a história da *Revista Ilustrada*, periódico que circulou entre 1876 e 1898 e é considerado por muitos autores a mais importante folha ilustrada de sua época. Para isso, abrimos com uma breve biografia de Angelo Agostini, fundador da revista e seu principal ilustrador. Em seguida, analisamos as principais características do periódico, o que ele representou para a imprensa ilustrada e sua trajetória, dividida em duas fases.

3.1 Angelo Agostini, artista do lápis²⁶

Antes de analisarmos a história da *Revista Ilustrada*, cabe compreender melhor a trajetória de seu fundador e principal cartunista, Angelo Agostini. Embora ele tenha deixado a revista alguns anos antes de seu fim e não estar presente no ano da Proclamação da República, é o responsável pela linha editorial e pelo período áureo da *Revista Ilustrada*, além de ser um dos mais importantes artistas gráficos do Segundo Reinado. Portanto, recuperar sua trajetória profissional e suas principais motivações será imprescindível para entender a orientação dada à sua folha e à campanha republicana.

Nascido na Itália, Agostini viveu sua infância e começo da adolescência em Paris, mudando-se para o Brasil em 1859, com dezesseis anos. Em 1864, o italiano funda o *Diabo Coxo*, primeiro jornal ilustrado lançado na capital paulista. Logo depois o país entra em Guerra contra o Paraguai, tema que seria recorrente nas suas caricaturas. Segundo Marcelo Balaban, as tensões internas e os problemas políticos decorrentes do conflito sul-americano tiveram significativa influência em sua carreira: “Sua formação como caricaturista, o sentido que foi dando ao ofício e parte da visão que criou sobre a sociedade brasileira do período tem relação direta com a luta contra o Paraguai”²⁷.

Durante a cobertura da guerra, Agostini produziu caricaturas satirizando o método de recrutamento brasileiro, expondo as contradições do processo, e mostrando que Brasil e Paraguai não eram tão diferentes quando se tratava de conceitos como liberdade e civilização. Foram esses conceitos, somados ao debate sobre a nação e princípios morais, que permeavam os assuntos do

²⁶A biografia de Angelo Agostini foi construída utilizando como referência sobretudo o estudo de BALABAN (2005).

²⁷BALABAN, 2005, p. 60.

jornal. Em 1865 o periódico chega ao fim e Agostini fica nove meses afastado da imprensa ilustrada.

Seu retorno acontece no ano seguinte, com a fundação do jornal *Cabrião*, que traz logo em seu primeiro exemplar desenhos sobre a Guerra do Paraguai. Declaradamente antiescravista, o *Cabrião* se dizia em busca da “verdadeira imparcialidade” e abordava temas como religião, situações cotidianas, política e nação. Com tom crítico, o periódico tinha como objetivo denunciar as contradições da política brasileira e sua orientação era de apoio às facções mais liberais.

Continuando suas caricaturas sobre a guerra, Agostini evidenciava o caos por que passava São Paulo durante o desenrolar do conflito, construindo imagem desfavorável para o papel desempenhado pelo Brasil na guerra contra o Paraguai. Além disso, foi neste periódico que começam a aparecer as ilustrações de viés republicano, defendendo a ideia de que o poder deveria ser a expressão da vontade popular e colocando a importância da opinião pública acima do Estado.²⁸

O jornal construiu algumas inimizades ao atacar outros periódicos, como o *Diário de São Paulo*, e ao direcionar críticas ao clero e à elite escravocrata paulista, atitude que gerou a depredação da sua sede. Em 1867, um ano depois da sua criação, o jornal faliu. Segundo Balaban, foram nesses anos que o destino de Agostini como caricaturista se definiu e sua opção pela imprensa ilustrada foi consolidada. O historiador resume a importância e ambiguidade da passagem de Agostini pela imprensa paulista:

Oscilando entre a atividade de pintor retratista, que exercia desde antes de ingressar no jornalismo, e a atuação nos jornais de caricatura paulistanos, foi consolidando um perfil como caricaturista definido a um tempo por uma posição política, para a qual a experiência dos anos da guerra teve papel fundamental, e uma postura profissional que fez de Angelo Agostini um dos principais nomes da imprensa ilustrada brasileira oitocentista.²⁹

Logo após a publicação do último exemplar do *Cabrião*, em setembro de 1867, Agostini deixa São Paulo e sua muda para o Rio de Janeiro. Já com alguma experiência profissional, foi na Corte que a carreira do caricaturista se desenvolveu e alcançou seu apogeu. A sede do

²⁸Idem, p. 123-124.

²⁹Idem, p. 99.

Império, com sua cultura cosmopolita, público de leitores maior e mais qualificado, tipografia e oficinas de litografia mais desenvolvidas era uma grande oportunidade para profissionais como Agostini, que soube aproveitar o espaço para progredir no ramo.

A primeira folha ilustrada fluminense na qual o desenhista colaborou foi *O Arquelim*, que acabaria poucos meses depois da sua chegada ao Rio. Como já foi dito, o periódico deu lugar *A Vida Fluminense*, tendo Agostini como um dos sócios. Com tom “joco-sério”, a nova folha misturava sátiras e ironias com abordagens mais sérias, o que dava um ar ambíguo para seus textos e caricaturas, deixando a cargo do leitor a escolha do que encarar com seriedade e do que interpretar apenas como brincadeira.

Agostini encerra sua participação n’*A Vida Fluminense* em novembro de 1871, e um mês depois assumia a direção da parte ilustrada de *O Mosquito* (1869-1875). Diferentemente da folha anterior, com caráter jocoso e também sério, esta se apresentava como um periódico caricato e crítico, com postura combativa. Ingressando n’*O Mosquito* logo após a promulgação da Lei do Vento Livre, foi ali que Agostini aperfeiçoou suas caricaturas antiescravistas, além de ilustrar outros temas conflituosos, como a Questão Religiosa e a maçonaria, e assuntos mais amenos, como os costumes sociais.

Assim, assumindo a direção das ilustrações, Agostini remodelou o narrador-personagem do jornal, colocando traços humanos no mosquito e dando-lhe uma caneta, como se este fosse o autor dos desenhos. Desta forma, a impressão era a de que a opinião retratada nas caricaturas não era necessariamente a mesma de Agostini, o verdadeiro autor das imagens. Sobre este assunto, Balaban afirma que “ao mesmo tempo, a sátira protegia Agostini, permitindo dessa maneira que as críticas pudessem ser mais fortes. Essa característica fazia dos jornais de caricatura um meio de intervenção política importante. Eles podiam ser, a um tempo, escrachados e dissimulados”³⁰.

Além de defender abertamente o fim da escravidão, o desenhista também mostrou n’*O Mosquito* alguns traços republicanos, que mais tarde se desenvolveriam, como a separação entre Estado e Igreja. Esta era uma das reformas estatais defendidas pelo semanário, que teve na Questão Religiosa um de seus temas centrais. Contudo, Agostini não era anticristão, como explica Balaban:

Os desenhos feitos por Agostini integravam um debate em torno dos princípios de organização política e social da nação. Sendo a igreja no Brasil uma das bases

³⁰Idem, p. 200.

de sustentação da organização política do país, o que estava em questão nas imagens de Agostini era essa forma de interferir na vida pública. Sua preocupação estava voltada para repensar o lugar da igreja, não negá-la.³¹

Em 1875 o semanário chega ao fim, abrindo caminho para o caricaturista lançar, no 1º dia do ano seguinte, a *Revista Ilustrada*. Como veremos adiante, Agostini conseguiu conciliar o desenvolvimento da sua carreira artística com uma boa administração na revista, que circulava sem nenhum tipo de anunciante, apenas mantendo-se com as assinaturas de seus leitores.

À frente da *Revista* por doze anos, o cartunista presenciou e retratou diversos momentos conturbados da vida nacional, o que resultou na publicação de mais de dois mil desenhos, caracterizando-o como um cronista visual que documentava o cotidiano brasileiro. Constantemente envolvido em polêmicas, Agostini atacava instituições e ideologias e levantava bandeiras, alcançando grande destaque na imprensa carioca. Destacando-se principalmente por suas caricaturas abolicionistas, fez do seu semanário a folha ilustrada de maior prestígio no país em sua época e ainda foi reconhecido por sua posição antiescravista.

Um desses reconhecimentos veio diretamente de Joaquim Nabuco, um dos principais personagens da luta abolicionista, que defendeu a naturalização de Agostini e publicou uma coluna dedicada inteiramente ao caricaturista em agosto de 1888, no jornal *O Paiz*:

Quem durante vinte anos como ele, deu ao país toda a sua dedicação, pertence-lhe de fato. O que se dá nos prende ainda mais do que o que se recebe. O seu lápis teve durante vinte anos a indefectível coragem de dizer a verdade aos inimigos do progresso nacional em linguagem que todos entendiam. A sua Revista foi a Bíblia abolicionista do povo, o qual não sabe ler.³²

3.2 Revista Ilustrada (1876-1898)

A *Revista Ilustrada* foi um periódico ilustrado, fundado no Rio de Janeiro pelo caricaturista italiano Angelo Agostini, que circulou entre 1º de janeiro de 1876 e agosto de 1898, publicando um total de 739 números, além de várias edições suplementares sem numeração. Seguindo o padrão das folhas de sua época, já mencionado no primeiro capítulo, a revista era

³¹Ibidem.

³²NABUCO, apud BALABAN, 2005, p. 46.

composta por quatro páginas tipografadas e quatro litografadas, cada uma medindo 36,4 x 27,7 cm.

Os suplementos algumas vezes seguiam o tamanho padrão da revista, com o número de páginas variando entre quatro e oito, e outras vezes vinham em formato de cartaz, sem um número de páginas definido. Com caráter noticioso ou político, eram publicados para enfatizar eventos ou personagens que viessem a ter destaque, sendo o retrato o tema predominante.

Ao longo da sua existência, a *Revista* não sofreu grandes alterações em seu formato, mantendo suas tradicionais oito páginas. A capa feita a bico de pena continha uma ilustração que abria cada número e um cabeçalho, que sofreu poucas alterações, com exceção de 1888, quando o título da folha passou a ser grafado com letras mais largas, dando maior destaque ao nome.

O primeiro exemplar veiculado pela *Revista*, abrindo o ano de 1876, já trazia na capa os principais elementos do perfil que pretendia consolidar.³³ Na ilustração deste número, o periódico se apresenta como um acontecimento no cenário carioca, mobilizando diversos participantes da sociedade. Estão presentes o clero, os políticos, governantes, militares e, em grande quantidade, o povo.

No cartaz, o nome de Agostini aparece com quase o mesmo destaque do título do jornal, deixando explícita a autoria do semanário. Além disso, é feito o anúncio de que a folha será publicada sempre aos sábados e pela “oficina litográfica a vapor da REVISTA ILLUSTRADA”, o que Balaban chama a atenção por ser um dos principais diferenciais que a *Revista* apresentava ao seu público: “Ter sua própria oficina significava autonomia, uma vez que era uma forma de conseguir sustentar financeiramente o hebdomadário”³⁴.

Rubiana de Souza Barreiros (2009), por sua vez, destaca em sua análise a presença dos “jovens repórteres”, caracterizados pelos garotos em posições travessas, com um vestuário muito próximo ao de um arlequim. Segundo a pesquisadora, eles são apresentados, neste primeiro número e em vários posteriores, como jornalistas ávidos por noticiar cada episódio da cidade carioca, anunciando o ataque às pessoas ligadas, principalmente, à política e à igreja. Por isso, esses jornalistas seriam os responsáveis por acompanhar e perseguir qualquer movimentação.

³³BALABAN, 2005.

³⁴Idem, p. 259.

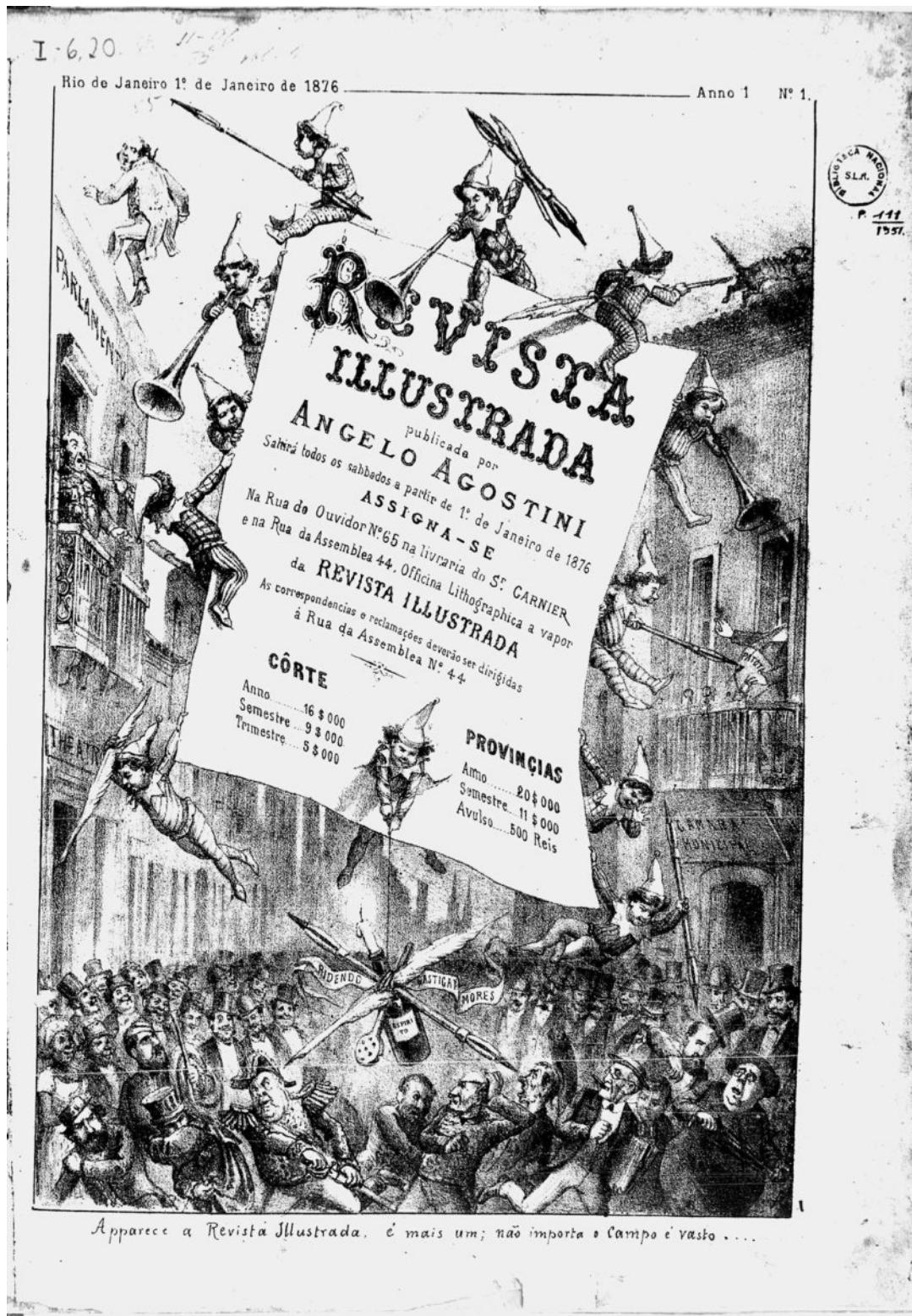


Figura 4 – Primeiro exemplar da *Revista Ilustrada*. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 1º jan. 1876.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

Além de muitos elementos de extremo simbolismo que podem ser destacados na capa do semanário, há, ainda, a legenda latina “*Ridendocastigat Mores*”, expressão atribuída ao dramaturgo francês Jean-Baptiste Poquelin, um dos grandes mestres da comédia satírica, e significa “rindo, castigo os costumes”. Segundo Balaban, esta expressão era amplamente utilizada por jornais de caricatura do período, sendo uma espécie de marca identitária comum, além de afirmação de princípios. Portanto, já na primeira capa a *Revista Ilustrada* explicitava o caráter satírico que permearia as suas publicações.

Desta forma, Agostini procurou elaborar um discurso que obtivesse destaque maior na imprensa, fazendo com que o seu semanário se sobressaísse. Uma das suas estratégias foi atacar declaradamente outros jornais que possuíssem voz discordante, “ataque este realizado em nome de uma liberdade de imprensa, de uma arte livre e, principalmente, com um cuidado a tudo que se referia à opinião pública e à exaltação daqueles que compartilhavam da sua opinião nas mais diferentes questões”³⁵.

Outra estratégia recorrente do cartunista, já mencionada, foi a proibição de anúncios em suas páginas, tornando a venda de exemplares praticamente a sua única fonte de renda. A estratégia era baseada, de modo geral, na regularidade com que Agostini trabalhava o assunto no semanário, esclarecendo a opção por não permitir a compra de qualquer que fosse o espaço nas páginas da *Revista*: além de ser uma forma de diferenciação para o seu periódico, o ilustrador considerava que a aceitação de anúncios em suas folhas poderia comprometer a forma independente com que propunha exercer o seu trabalho. Para Ribeiro, “a ausência, portanto, do anúncio na ‘Revista Ilustrada’ significava uma tentativa de desenvolvimento de um trabalho jornalístico imune às influências que o capital comercial exercia sobre o panorama da imprensa na época”³⁶.

Além disso, por diversas vezes Agostini fazia chacota com a prática da publicação de anúncios por outros periódicos, fazendo artigos inteiramente irônicos e com o único intuito de ressaltar o fato. A partir de novembro 1876, o semanário separa de uma a duas colunas para publicar falsos anúncios, sempre em tom jocoso, fazendo alusão ao espaço que outros jornais utilizavam para publicar suas propagandas. Apenas com a partida do ilustrador para a Europa, em outubro de 1888, a folha passou a publicar propagandas em suas páginas.

³⁵BARREIROS, 2009, p. 28.

³⁶RIBEIRO, 1988, p. 177.

O escritório da *Revista*, por sua vez, funcionou em quatro prédios diferentes: primeiro, localizava-se na Rua da Assembleia, depois passou por dois locais na Rua Gonçalves Dias, e então retornou para a Rua da Assembleia, onde permaneceu até o fim. A redação em si era dividida em duas partes fundamentais: a ilustrada e a literária, que incluía os modos jornalísticos de então. Era ali que trabalhava seu corpo de redatores fixos, como Luís de Andrade, conhecido por seus textos doutrinários a favor da Abolição e da República, e José Ribeiro Dantas Júnior, que escrevia sobre assuntos internacionais e sobre o cotidiano da capital. Além disso, a publicação recebia colaborações eventuais de literatos.

Junto à redação, a *Revista* possuía também sua própria oficina litográfica, como já destacamos. A oficina a vapor representou grande avanço para a imprensa ilustrada da época, pois demandava menos mão-de-obra e, com isso, barateava o custo da impressão. Além de produzir os seus próprios exemplares, passou a aceitar encomendas para a impressão de outras folhas, como o *Mequetrefe*. Assim, a oficina representava não apenas posição de destaque para a publicação de Agostini e barateamento de custos, como também prestava serviços para outros periódicos cariocas.

Como pudemos observar, toda a infraestrutura funcional da *Revista Ilustrada* era comandada por Agostini, que contava ainda com a administração de Frederico Harling, o que explica parte do seu sucesso na segunda metade do século XIX. Segundo Ribeiro, além de possuir um corpo de redatores fixo, uma oficina e um administrador, a revista também tinha entregadores para levar os exemplares até as casas de seus assinantes e representantes em outras províncias para cuidar das distribuições e lidar com o público dos lugares mais distantes – o que mostra o alcance conseguido pela folha.

A *Revista Ilustrada*, diferente da maioria dos impressos do seu tempo, era um semanário com periodicidade regular. Até 1882, a publicação havia conseguido cumprir, com algumas eventuais exceções, o seu propósito de ser semanal. Após algumas idas e vindas entre periodicidade semanal e quinzenal, a folha interrompe sua publicação em 1893, quando o Rio passa pelo período turbulento da Revolta da Armada, o que também ocasionou o desaparecimento de outra folha ilustrada, o *Mequetrefe*. A *Revista* retorna apenas em novembro de 1894, voltando a ter alguma regularidade até 1895. Contudo, nos anos seguintes a periodicidade foi ficando cada vez mais espaçada, até que foi fechada em agosto de 1898.

Quanto ao conteúdo e à forma, a opção era por seguir certa uniformidade para dar um perfil próprio à *Revista*. Assim, a capa era geralmente preenchida por uma matéria em destaque da semana anterior, onde normalmente era feito o retrato de um artista, político, jornalista, ou alguma outra figura conhecida. Outra opção para a abertura era a ilustração crítica, geralmente através da caricatura, que podia fazer menção a qualquer personalidade ou evento que estivesse em evidência. Desta forma, segundo Ribeiro, a *Revista* nunca utilizou textos em sua capa. Estes apareciam apenas na parte interna, geralmente relacionados ao tema trazido na primeira página.

Assim, a ilustração de capa evidenciava uma orientação crítica que também costumava aparecer nos textos e ilustrações no interior do semanário. Nas páginas 4 e 5 eram feitos novos desenhos, com maior liberdade e possibilidade de espaço, relacionados a temas políticos ou demais eventos que tivessem acontecido durante a semana. A *Revista* também fechava com uma ilustração, na página 8, onde geralmente apareciam trabalhos artísticos como o retrato e a caricatura.

Quanto à parte textual, mantinha diversas seções artísticas e literárias que tratavam de assuntos variados na tentativa de se aproximar de diferentes leitores. A *Revista* abria com um artigo de fundo, publicado na página 2, geralmente assinado pelo redator principal. Contudo, era uma das poucas seções que sempre esteve presente no periódico, que costumava ter seções fixas, mas que não necessariamente apareciam em todas as edições, como a “Livro da Porta”, “Resenha Teatral” e “Folhetim”.

Havia ainda algumas seções de existência curta e outras de aparição irregular. Dentre elas, podemos destacar as “Bellas-Artes”, “Livros a ler”, “Ao rodar do bonde”, “Efemérides” e “Crônica Fluminense”, para citar as mais famosas. Segundo Barreiros, a pluralidade de seções pode demonstrar que a atuação da *Revista* variava de acordo com a aceitação do público:

Neste sentido, [a *Revista Ilustrada*] pautou o seu trabalho não só nos grandes temas nacionais e estrangeiros, como também procurou evidenciar o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, ressaltando suas mazelas, principalmente aquelas criadas pelo que julgavam ser uma má administração pública.³⁷

3.3 A *Revista* dividida em fases

³⁷BARREIROS, 2009, p. 49.

Como pudemos observar, as diferentes seções que passaram pela *Revista Ilustrada* e as mudanças pontuais que ocorreram, como a publicação ou não de anúncios, demonstram que o periódico não foi homogêneo em sua forma e conteúdo durante todos os seus 22 anos de existência. Ribeiro (1988) optou por dividir a trajetória da *Revista* em duas grandes fases, cada uma com duas subdivisões. Os critérios utilizados pelo historiador, como veremos a seguir, foram a saída de Agostini em 1888, as mudanças no aspecto artístico e no conteúdo e a regularidade da publicação.

Principalmente sob o ponto de vista político, o jornal criado por Angelo Agostini apresentou diferenças fundamentais ao longo dos anos, caracterizando fases distintas de sua atuação. O período que vai de 1º de janeiro de 1876, quando a folha é criada, até meados de 1888 à época das festas abolicionistas, difere-se inteiramente dos anos seguintes da folha até sua extinção, em agosto de 1898.³⁸

Assim, a primeira fase corresponde ao período no qual Agostini esteve à frente da *Revista*, mais inventivo e original, com caricaturas abordando os temas mais significativos de sua época e textos e ilustrações levantando campanhas no cenário político, econômico e social brasileiro.

Ainda nesta primeira fase, Ribeiro aponta uma subdivisão em dois períodos: da criação, em janeiro de 1876, até dezembro de 1879, representando a fase de consolidação da *Revista* junto ao seu público leitor, e de 1880 até a proclamação da República, correspondendo aos tempos áureos do semanário tanto no campo artístico quanto no político, com as campanhas abolicionista e republicana.

Nos primeiros anos de existência, o foco de Agostini foi a chamada “Questão Religiosa”, conflito ocorrido entre a Igreja e o Estado na década de 1870, durante o qual o caricaturista passou a defender a separação das duas instituições e a criação de um Estado laico – tema que já vinha sendo debatido por ele n’*O Mosquito*.

Agostini fez diversas charges criticando as atitudes da Igreja e a falta de firmeza na posição do Estado. Contudo, como já foi ressaltado anteriormente, o italiano não era anticristão e

³⁸RIBEIRO, 1988, p. 213.



*Pio IX on o pobresinho do Vaticano,
depois da grande romaria.*

Figura 5 – Crítica ao Vaticano durante a Questão Religiosa. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 2 jun. 1877.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

as suas críticas não eram contra os princípios católicos, mas sim pelo fim dos excessos e contradições das doutrinas religiosas e “a ligação e a influência que a Igreja, enquanto instituição política, possuía na estrutura social do país”³⁹.

Além da Questão Religiosa, Agostini também abordou o excesso dos gastos públicos e a pouca atenção que políticos e Governo davam às demandas da população. Ao longo dos anos em que ficou à frente da *Revista*, fez inúmeras caricaturas que evidenciavam o descaso e a indiferença tanto do Imperador D. Pedro II quanto dos parlamentares em relação aos problemas sociais brasileiros.

A partir de meados de 1880, quando Joaquim Nabuco apresenta um projeto de lei que acabaria com a escravidão em 10 anos, Agostini passa a dedicar grande parte de suas caricaturas à campanha abolicionista, que viria a se tornar o carro-chefe da *Revista* e renderia ao seu fundador reconhecimento e homenagens de políticos importantes, como já foi destacado. Com muitas charges e textos doutrinários recriminando a manutenção da escravidão, encarava esta instituição como um atraso para o país, amarra que impedia o Brasil de se desenvolver e se inserir no cenário capitalista internacional. Assim, não poupou críticas ao Estado e à elite escravocrata brasileira, tornando-se um dos principais periódicos na luta pela Abolição.

Segundo Ribeiro, além de publicar caricaturas contra fazendeiros, jornais, políticos, entidades civis e clérigos que apoiavam a escravidão, o periódico também estampou charges positivas, enaltecendo as principais personalidades e jornais que colaboravam na luta pela Abolição. Foram publicados retratos de Visconde do Rio Branco, autor da Lei do Ventre Livre, e José do Patrocínio, importante orador e jornalista abolicionista, entre outros.

Outra forma de incentivar o fim da escravidão era a publicação, nas páginas da *Revista*, de senhores de escravos que alforriasse seus cativos. Procurando falar diretamente com os fazendeiros em suas caricaturas, Agostini tentava alertá-los dos perigos da manutenção da escravidão e estimulá-los à substituição da mão-de-obra vigente pela assalariada, mostrando os ganhos que isso traria.

Contudo, as caricaturas e os retratos não foram as únicas ferramentas usadas pelo ilustrador na campanha abolicionista, como ressalta Ribeiro. Para denunciar os abusos da escravidão, Agostini utilizou outro gênero artístico, chamado pelo historiador de “arte-

³⁹Idem, p. 228

denúncia”⁴⁰, que correspondia a ilustrações realistas retratando as violências cometidas contra os escravos. Assim, o artista explorou tanto o lado cômico da questão, através das caricaturas, quanto o lado trágico, pela “arte-denúncia”.

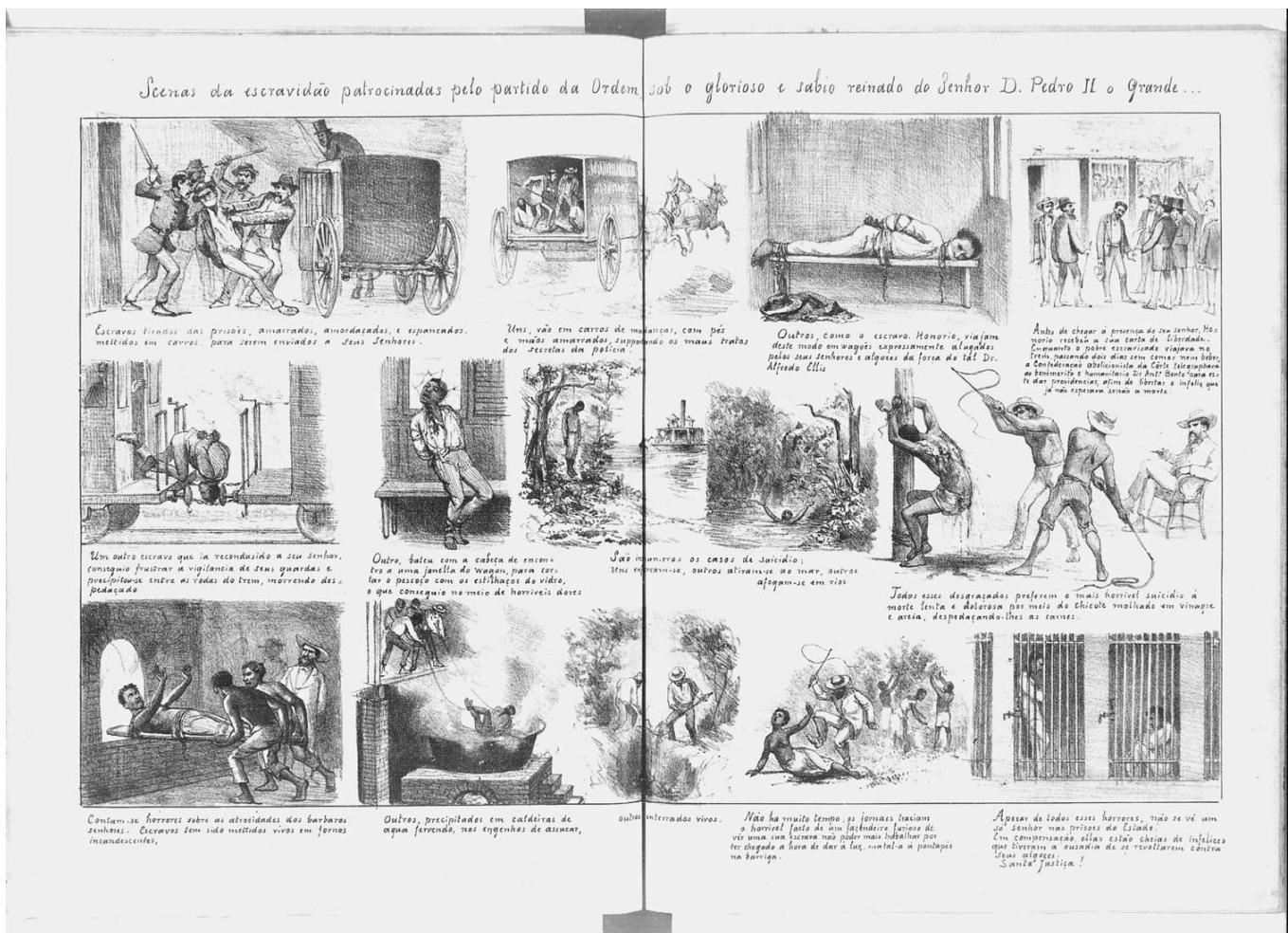


Figura 6 – Arte-denúncia contra a escravidão. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 18 fev. 1886.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

Outra importante campanha presente nas páginas da *Revista* foi pela República. Nos primeiros anos, o viés republicano ainda não aparecia como uma bandeira contra a Monarquia, mas como uma crítica ao Estado excessivamente paternalista, que impediria o desenvolvimento

⁴⁰ Idem, p. 259.

econômico e social brasileiro. Segundo Ribeiro, “o que havia, na verdade, era o questionamento da organização política do país, cujo sentido arcaico impedia seu pleno desenvolvimento”⁴¹.

Mesmo em meados da década de 1880, quando se deu o período mais forte da campanha, o apoio que a *Revista* dava à causa republicana foi, na maioria das vezes, indireto. A principal forma de luta não era a crítica direta ao sistema monárquico, mas o apoio demonstrado pelas reformas propostas por políticos republicanos, com destaque para Quintino Bocaiúva e Saldanha Marinho. De acordo com Ribeiro, os principais temas presentes na propaganda republicana desenvolvida foram “a questão da federação, da liberdade de cultos e a separação da Igreja do Estado, a instauração do casamento civil, as críticas ao parlamentarismo, o fim da vitaliciedade do Senado, a reforma do sistema eleitoral”⁴².

Entretanto, o historiador faz uma ressalva quanto à postura do semanário no período imediatamente após a Abolição, de maio até outubro de 1888. Ribeiro observa que, durante esses meses, provavelmente devido à euforia com o fim da escravidão, a propaganda republicana diminuiu consideravelmente.

Além disso, a revista direcionou críticas ao Partido Republicano por aceitar a adesão de setores que não possuíam nenhum histórico de lutas pela causa, principalmente fazendeiros insatisfeitos com a Monarquia pelos prejuízos que sofreram com a Abolição. Contudo, em nenhum momento isso representou uma defesa ao sistema monárquico, e em pouco tempo a propaganda republicana foi retomada.

Assim, como pudemos analisar, na primeira fase a *Revista* teve como foco principal a questão social brasileira, abordando tanto temas importantes como a Abolição e a República, quanto os problemas da imigração, a justiça social, a febre amarela no setor da saúde, a fome no Nordeste, entre outros. No campo cultural, abriu espaço para exposições de artes, teatro, música, literatura e fotografia, publicando retratos de artistas atuantes na época e notícias sobre os seus trabalhos, incluindo a cobertura de duas exposições de Belas-Artes promovidas em 1879 e 1884.

É também neste período, em 1884, que a *Revista* publica o que é considerada a primeira história em quadrinhos do Brasil: *As Aventuras de Zé Caipora*. Voltada para o público infantil, a publicação disseminou o personagem de Zé Caipora, que viria a ser recorrente na revista, ilustrando, inclusive, diversas de suas capas.

⁴¹Idem, p. 232.

⁴²Idem, p. 267.

Mas, além desses grandes temas nacionais e, por vezes, também estrangeiros, a *Revista* teve como uma de suas principais temáticas o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, tanto em suas ilustrações quanto em seus textos. Os problemas da capital, os costumes, festas e principais personagens proporcionaram ao jornal a qualidade de informar através da arte: é o que Ribeiro chama de “arte-reportagem”.

Trata-se de composições artísticas que procuravam retratar, com a maior fidelidade possível, os acontecimentos verificados naquela época e que mereceram algum destaque, na imprensa. Crimes, naufrágios, incêndios, acontecimentos sociais etc foram retratados pela “Revista”, fornecendo detalhes do acontecimento e retratos de seus envolvidos.⁴³

Em outubro de 1888, poucos meses após a conquista da Abolição, Agostini escolheu deixar o Brasil e voltar a Paris por conta de um romance com uma aluna de pintura, relacionamento que não era bem aceito pela sociedade carioca. Com a saída do italiano, a direção da *Revista* passou para as mãos do também caricaturista Pereira Neto, que se tornou responsável por parte do trabalho de ilustrador e inteiramente pela edição. O ilustrador Hilário Teixeira também chegou ao semanário à época, dividindo o trabalho de ilustração com Pereira Neto, e Luís Andrade tornou-se redator principal.

Sem Agostini, o semanário perde boa parte do seu traço original e combativo, sendo perceptíveis as mudanças tanto em sua forma como em seu conteúdo. Ainda que Pereira Neto tentasse seguir o estilo das ilustrações do italiano, mesmo que com menor criatividade, a principal mudança estava na natureza do discurso, que passou de crítico e independente para ufanista e de total apoio ao Governo – na época, já republicano.

Para Ribeiro, esta segunda fase da *Revista* pode ser subdividida em duas épocas: a primeira vai do começo dos anos 1890 até o início da Revolta da Armada, em setembro de 1893, quando o periódico para de circular, e tem como sua principal característica a euforia pela vitória republicana e o apoio incondicional ao novo Governo; a segunda começa com a retomada da publicação ao fim da Revolta e vai até a extinção do semanário, em agosto de 1898, sendo marcada pela evasão de assinantes e a irregularidade da circulação.

⁴³ Idem, p. 219.

Assim, nos primeiros anos desde a partida de Agostini, a *Revista* conseguiu manter a linha editorial quanto aos assuntos culturais que costumava abordar, mas o conteúdo político, como já foi dito, passou por grandes mudanças. Segundo Ribeiro, o jornal “estabeleceu um discurso político que nada possuía de independente, omitindo-se em questões cruciais e, não raro, assumindo posições antidemocráticas. Não se tratava apenas de apoio a uma causa, mas sim de engajamento quase fisiológico ao aparelho de estado”⁴⁴.

Indo de encontro ao seu histórico liberal e progressista, em dezembro de 1889 a *Revista* publica artigo posicionando-se contra a convocação da Assembleia Constituinte e, repetidas vezes, critica os que a apoiavam. A insistente defesa de praticamente todas as medidas do Governo feita pela folha chegou a levantar suspeita e, em 1891, o jornal *União Federal* acusou a *Revista* de receber dinheiro do Estado para apoá-lo.⁴⁵

Além disso, as temáticas sociais foram aparecendo com cada vez menos frequência nas páginas do semanário, deixando de lado os principais interesses populares, uma das marcas da *Revista*. Como indício, temos a diminuição significativa do número de caricaturas, naturalmente de tom mais crítico, e o aumento do número de retratos, se comparados com a primeira fase do semanário.

Segundo Ribeiro, a principal característica da *Revista Ilustrada* foi a sua feição popular, procurando ao mesmo tempo influenciar a opinião pública e representar os seus principais anseios. Este teria sido o principal fator que fez o periódico se destacar na imprensa e tornar-se a mais importante folha ilustrada de sua época, o que se perdeu durante a segunda fase.

No momento em que sua proposta de trabalho começa a afastar-se dos interesses da população de uma maneira geral, a *Revista Ilustrada* começará a declinar e sua importância, como órgão de imprensa, já não é a mesma do período em que ela desempenhou sua função de porta-voz de uma ideia por todos partilhada.⁴⁶

Como outros fatores que teriam colaborado para o declínio do periódico, podemos citar os avanços tecnológicos por que passavam o jornalismo na virada do século, atingindo uma concepção empresarial que a folha não foi capaz de acompanhar, e, principalmente, a ausência

⁴⁴Idem, p. 272.

⁴⁵Idem, p. 278.

⁴⁶Idem, p. 280.

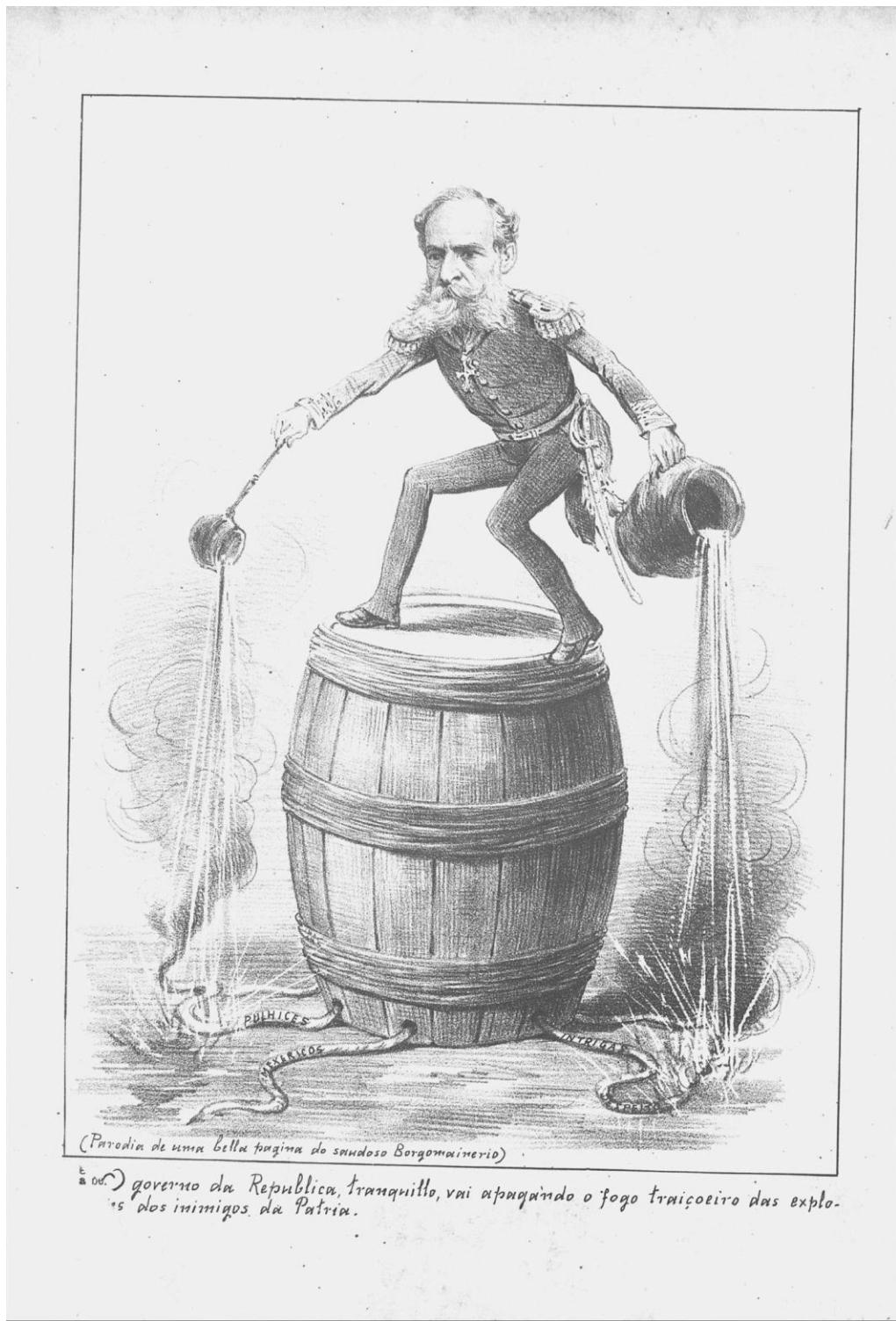


Figura 7 – Patriotismo exacerbado na *Revista Ilustrada*. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 26 abr. 1890.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

de Agostini e a perda do seu traço criativo, original e irreverente. Assim, em agosto de 1898 a *Revista Ilustrada* publicava seu último exemplar.

4. O IDEÁRIO REPUBLICANO NA REVISTA ILUSTRADA

Com o objetivo de analisar o ideal republicano representado nas páginas da *Revista Ilustrada*, este capítulo tem como foco o estudo de fontes primárias, ou seja, textos e ilustrações publicados entre 1876, data de fundação do semanário, e 1889, quando acontece a Proclamação. Após uma breve reflexão sobre as origens da simbologia sobre a República, serão analisadas as diferentes fases da campanha republicana identificadas na *Revista*.

4.1 A simbologia republicana na imprensa ilustrada

Como vimos brevemente no capítulo anterior, a *Revista Ilustrada* lidou com o tema da República com diferentes abordagens, tanto textuais quanto ilustrativas. Quando utilizamos o texto para passar nossas ideias, em geral o processo ocorre diretamente, com a escolha certa de palavras e conceitos. Contudo, quando desejamos inserir imagens para representar pensamentos, as possibilidades interpretativas são infinitas.

José Murilo de Carvalho trabalha a temática da disputa pelo imaginário da República em sua obra *A formação das almas*. Segundo o autor, para que o imaginário republicano não se limitasse à elite e alcançasse o povo brasileiro, apenas o método discursivo não seria o suficiente, levando em consideração o baixo grau de instrução da população. Portanto, esse maior alcance precisava ser atingido “mediante sinais mais universais, de leitura mais fácil, como as imagens, as alegorias, os símbolos, os mitos”⁴⁷.

Argumentando que a República brasileira foi inspirada principalmente no modelo francês, Carvalho afirma que também houve no Brasil, assim como na França, batalha de símbolos e alegorias, “cuja finalidade era atingir o imaginário popular para recriá-lo dentro dos valores republicanos”⁴⁸. E, neste sentido, o autor explica que o esforço inicial para a criação do imaginário foi feito pelos caricaturistas da imprensa periódica.

Seguindo a mesma linha, Aristeu Elisandro Machado Lopes (2010) aponta a alegoria, o emblema e o símbolo como as principais formas de representação do ideal republicano na imprensa ilustrada, explicitando a diferença de conceito entre eles: alegoria, segundo o autor, “é

⁴⁷CARVALHO, 1990, p. 10.

⁴⁸Ibidem.

uma figuração abstrata que toma, na maioria das vezes, a forma humana e de uma mulher, usada para representar uma ideia, uma virtude ou uma determinada situação”⁴⁹; o emblema consiste em algo menos abstrato, uma figura concreta representando uma ideia, como a bandeira simbolizando a pátria; e podemos ter ainda o símbolo-atributo, que corresponde a uma imagem usada para distinguir personagens ou uma coletividade, como o barrete frígio em relação à ideia de República.

Deste modo, a simbologia republicana na imprensa foi construída principalmente a partir de “signos alegóricos”⁵⁰, ou seja, ideias abstratas de difícil representação que são traduzidas de forma concreta através de certas figuras. Assim, as folhas ilustradas utilizavam esses elementos para representar a ideia de República em suas charges e caricaturas. De acordo com Lopes, apenas o uso de algum símbolo ou alegoria já servia para remeter os leitores ao imaginário republicano.

Os símbolos e alegorias utilizados pela imprensa ilustrada na segunda metade do século XIX tiveram a sua maior influência no simbolismo francês criado a partir da Primeira República, em 1789. Uma das principais alegorias utilizada pelos franceses para a representação de República era a figura feminina que representava a Liberdade, trazida da Antiguidade Clássica, usando um barrete frígio, símbolo também resgatado da cultura greco-romana. Segundo Carvalho, o barrete era utilizado por ex-escravos romanos para evidenciar sua nova condição de libertos.

No Brasil, a simbologia republicana passou a ser utilizada de forma mais difundida a partir da década de 1870, aparecendo principalmente em caricaturas com temas políticos que envolviam questões republicanas. Para Lopes, a Guerra Franco-Prussiana foi incentivo para essa produção, levando muitos ilustradores a recuperar a imagem de *Marianne*, a figura feminina que simboliza a República francesa, para representar a França nas caricaturas sobre a guerra. Assim, com o fim do conflito, a alegoria republicana passaria a ser utilizada também em charges sobre a situação política brasileira como representação do ideal de República.

Segundo Carvalho, a figura feminina foi estabelecida como modelo de representação republicana principalmente a partir da *Revista Ilustrada*, que depois foi imitada por outros

⁴⁹ LOPES, 2010, p. 45-46.

⁵⁰ Idem, p. 46.

jornais e revistas, tornando a *Marianne* brasileira a simbologia de República mais difundida até o final do século XIX.

Esta alegoria, portanto, é uma das mais recorrentes nas páginas da *Revista Ilustrada* sobre o tema. Contudo, como já foi explicado no capítulo anterior, nem sempre o periódico fazia alusão direta à República. Muitas vezes o apoio era indireto, através do elogio aos republicanos mais atuantes, como Quintino Bocaiúva e Saldanha Marinho, ou de críticas ao atraso do governo monárquico.

Outra característica da *Revista*, também já apontada, foram os diferentes tons utilizados para a abordagem das questões republicanas. Durante os primeiros anos de circulação, de 1876 até o começo dos anos 1880, a *Revista* publicou textos e caricaturas sobre o tema demonstrando de forma sutil o seu apoio. A partir de 1880, a cobertura se torna mais enfática e com críticas mais duras à Monarquia. Após a Abolição, contudo, o periódico passa a criticar o Partido Republicano por sua conduta, postura que volta a mudar em 15 de novembro de 1889, quando começa a adotar discurso de total apoio ao novo sistema de governo.

Veremos como isso se desenvolveu a seguir, a partir de alguns textos e imagens publicados na *Revista Ilustrada* sobre o tema.

4.2 Primeira fase (1876-1879)

O primeiro conteúdo analisado é uma caricatura publicada em 1877, cuja principal mensagem é a crítica à corrupção no governo. O cenário é um grande navio afundando em meio à tempestade, com sua tripulação já se afogando entre as ondas e um barco de menor porte vindo ao seu resgate. A legenda ajuda a interpretar a ilustração: “Não é só a corveta Bahiana que corre o risco de ir a pique minada pelo cupim. A corrupção, outro cupim, tem já estragado a tal ponto a Nau do Estado, que é provável que não resistirá a qualquer tempestade. É de esperar que o Brasil achará quem o salve”.

A “corveta Bahiana” mencionada na legenda era um navio da Marinha brasileira construído em 1847 no Rio de Janeiro. Em janeiro de 1877, ano em que a caricatura foi publicada, a corveta partiu em direção ao Oceano Índico⁵¹, mas ficou durante seis meses presa no

⁵¹Disponível em: <http://www.naviosbrasileiros.com.br/ngb/b/B011/B011.htm>. Acessado em 25 de outubro de 2013.

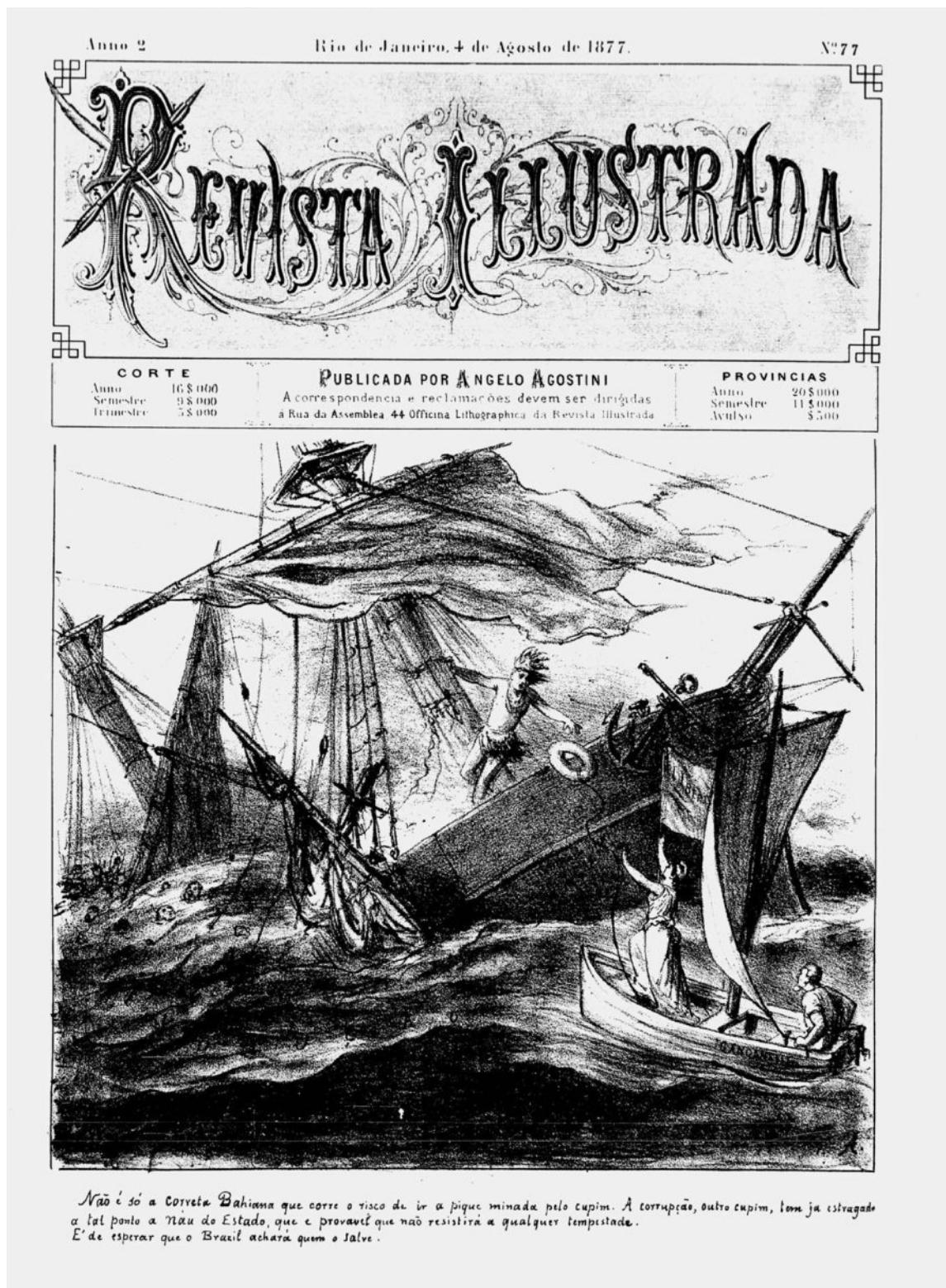


Figura 8 – Naufrágio do Estado. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 4 ago. 1877.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

porto de Boa Esperança, no sul da África, pois o cupim estragou a estrutura do seu bombordo, conforme noticiou o jornal *O Monitor*.

Ao que tudo indica, o periódico estabelece um diálogo com a caricatura de Agostini, corroborando a mensagem passada pela ilustração:

Os poetas não compararam mal o Estado com um navio. No caso presente vê-se que a nau do Estado assemelha-se à corveta *Bahiana*. A corveta *Bahiana* está presa ao porto de Boa Esperança: a nau do Estado ao do *Desengano*. O cupim estragou as costuras de bombordo da corveta *Bahiana*; o cupim, ou coisa igual, estragou e está estragando as costuras de bombordo e estibordo da nau do Estado. A nau do Estado acha-se inavegável como a corveta *Bahiana*.⁵²

O grande navio que aparece afundando na caricatura representa, portanto, o Estado, e a causa do seu naufrágio é o alastramento da corrupção, simbolizada pelo cupim. O único tripulante ainda visível em pé na embarcação é um índio, uma das principais alegorias utilizadas pelos caricaturistas, principalmente Agostini, para representar o Brasil. Este tipo de simbolismo era inspirado no romantismo, movimento artístico e literário que, entre outras tendências, elegeu o índio como herói nacional. José de Alencar, considerado um dos principais escritores do romantismo literário, por exemplo, escreveu *O Guarani* inspirado no índio brasileiro *Peri*.

Assim, a corrupção faz o Estado naufragar e está quase levando o país junto, quando chega para resgatar a corveta o barco “Ganganelli”, com Saldanha Marinho atrás da vela e uma figura feminina com o barrete frígio na frente, segurando uma bandeira na qual está escrita a palavra “Liberdade” e lançando uma boia em direção ao índio, que se esforça para tentar alcançá-la.

Saldanha Marinho recebe pouco destaque na caricatura, posicionado de costas para o desenho, mas o nome do barco é provavelmente uma alusão ao pseudônimo usado por ele como jornalista. A alegoria feminina, por sua vez, aparece na frente do barco, como a salvação para evitar o afogamento do índio. Ainda que não haja uma imagem ou uma legenda explícita indicando a República, a presença do republicano Saldanha Marinho junto à imagem da mulher com o barrete frígio apresentam indiretamente os elementos relacionados à temática. Assim, podemos interpretar que, na opinião da *Revista Ilustrada*, a salvação para o país só seria possível com a ajuda desde novo ideal republicano.

⁵² *O Monitor*, Bahia, nº 62, p. 1, 14 ago. 1877.

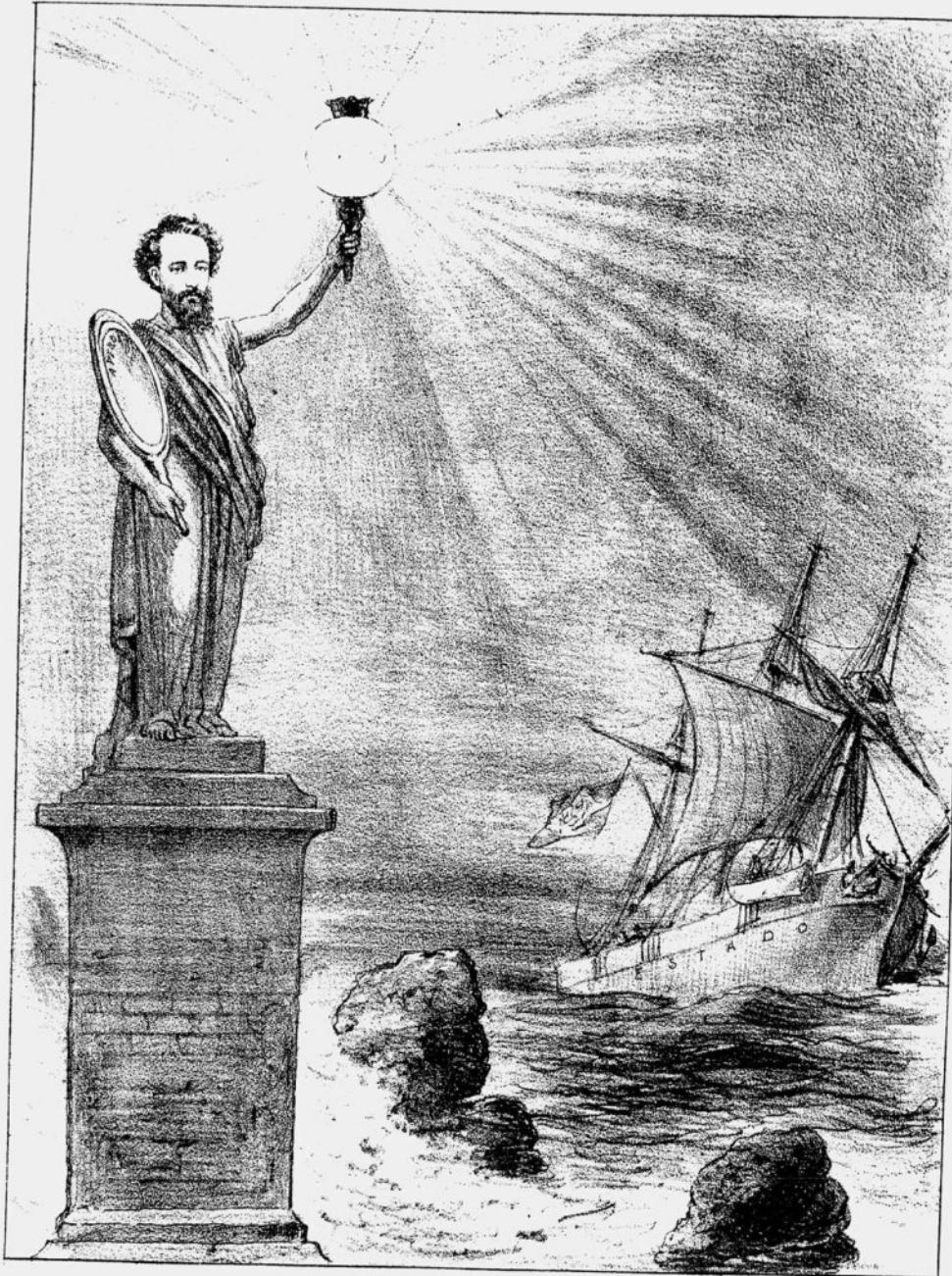
Outra charge publicada pelo jornal em abril de 1877 também faz alusão à alegoria da Liberdade. Desta vez, contudo, o republicano envolvido é Quintino Bocaiúva. A ilustração consiste em um navio chamado “Estado” navegando em mar aberto, à direita da imagem, enquanto na metade oposta está Bocaiúva em cima de um pedestal, com trajes greco-romanos, um espelho escrito “A verdade” em uma das mãos e um objeto irradiando luz na outra.

Novamente temos aqui o Estado brasileiro representado por um navio em alto mar. A impressão comunicada na ilustração é de que o Estado estaria perdido ou indo pelo caminho errado, enquanto Bocaiúva faz o papel de farol, iluminando as águas para a nau do Governo. A legenda ajuda a esclarecer o sentido da ilustração: “Quintino Bocaiúva na imprensa brasileira”. Jornalista e político, Bocaiúva escreveu, entre outros, para o periódico *A República* (1870-1874) até 1874, quando fundou o jornal *O Globo* (1874-1883).

Assim, com seus textos republicanos, o jornalista tem uma imagem positiva na *Revista Ilustrada*, indicado como uma luz na imprensa brasileira tentando apontar o melhor caminho para o Estado. A sentença “A verdade” em seu espelho demonstra uma argumentação muito usual entre os jornais da época, que procuravam se intitular imparciais e propagadores da “verdade”.

Além disso, chamamos atenção para o simbolismo de sua representação. Em uma provável alusão à Estátua da Liberdade, cujo projeto já havia sido patenteado e divulgado na década de 1870, Bocaiúva aparece na mesma posição que a estátua feminina americana, mas de modo inverso: segura um espelho no braço direito e uma luz semelhante a uma tocha que ergue com seu braço esquerdo. As vestes usadas pelo jornalista e o pedestal abaixo de seus pés também são semelhantes aos da futura estátua.

Assim, novamente não encontramos clara alusão à ideia de República, mas sim a imagem de um importante republicano, de alguma forma ligado à alegoria da Liberdade, tentando socorrer o Estado, que se encontra em apuros. Esta forma indireta de tratar o tema é a mais recorrente nas páginas da *Revista* entre 1876 e 1880, utilizando com mais frequência homenagens ou menções positivas ao papel dos republicanos junto ao Estado.



Quintino Bocaiúva na imprensa brasileira.

Figura 9 – Quintino Bocaiúva, o farol do Estado. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 14 abr. 1887.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

4.3 Segunda fase (1880-1888)

Ao longo dos anos 1880, as caricaturas do periódico de Angelo Agostini passam a adotar um tom mais direto de crítica ao Estado e ao atraso ao qual a Monarquia estaria condenando o país. Assim, D. Pedro II passa a ser alvo das charges da *Revista Ilustrada*, sendo representado na maioria das vezes como desatento, indiferente ou cansado em relação ao que acontecia no cenário político-econômico brasileiro.

Uma dessas charges foi publicada em 1882 e faz alusão à Fala do Trono conduzida pelo Imperador em 17 de janeiro daquele ano, momento em que D. Pedro II lia um discurso previamente preparado para abrir uma sessão de parlamento. O evento é mais conhecido pelo quadro pintado por Pedro Américo em 1872, “Dom Pedro II por ocasião da Fala do Trono”, que representa o Imperador na abertura da Assembleia Geral.

Na charge da *Revista Ilustrada*, contudo, o soberano brasileiro é desenhado sendo derrubado do próprio trono, com as pernas descobertas e erguidas de modo embaraçoso, enquanto uma folha com o título “Fala do Trono” escapa de suas mãos. A situação é observada de cima por um dos repórteres da revista, que ri da situação, e pela figura do índio representando o país, que observa a cena com semblante de indignação.

Na legenda da ilustração, a crítica fica ainda mais explícita: “As falas do trono fabricadas pelos nossos governos, parecem não ter outro fim senão abalar o próprio trono e colocar a monarquia em tristíssima posição”. Assim, fica clara a posição do periódico de desaprovação à fala do Imperador.

O texto que abre esta edição da *Revista* é a seção “Crônicas Fluminenses”, que trata justamente do discurso realizado na abertura das câmaras naquele ano:

(...)S. M. [Sua Majestade] tão pouco enxergou nas necessidades do país e nos deu uma fala do trono magra e oca como uma crônica sem assunto.

Eu nunca vi a coroa mais genérica, mais ligeira; jamais se viu uma fala do trono menos loquaz. Parece que o Sr. D. Pedro II nada tinha, desta vez, a recomendar aos digníssimos. É inútil, ele tudo espera das suas luzes e patriotismo, deles, os eleitos fiel e imparcialmente.

Assim, nem uma palavra sobre a indústria, nem uma lembrança para a lavoura! A indústria fez a sua exposição que S. M. visitou; o café baixa, a vitalidade enfim



Figura 10 – O Imperador perdendo seu trono. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 21 jan. 1882.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

do país estremece; mas que importa, se nasceu mais um príncipe, e a nova câmara foi legitimamente eleita!⁵³

Pela crônica, fica ainda mais explícita a insatisfação do periódico com a Fala do Trono, considerada “magra” e “oca” por não ter feito menção a temas importantes para aquele contexto político, como a indústria brasileira e as lavouras de café. Ao final, o redator faz uma ironia ao mencionar provavelmente o príncipe Antonio de Orleans e Bragança, que nasceu em agosto de 1881, e a legitimidade das eleições para a câmara, que estariam sendo exaltadas em excesso pelo Imperador.

Desta forma, tanto na parte textual quanto na ilustrada, a *Revista* critica a postura da Monarquia, colocando-a em “tristíssima posição” pela forma evasiva com que foi feita a Fala do Trono e pela falta de percepção sobre quais eram as principais questões que preocupavam o país na época.

Uma ilustração em forma de história em quadrinhos publicada seis meses antes também tem na indústria brasileira um dos seus alvos de crítica. Com o título “Indústria e Política”, os quadros fazem uma comparação entre a indústria argentina, que recebia incentivos do governo republicano e com isso prosperava, e a indústria nacional, ignorada tanto pelos políticos brasileiros quanto pelo Imperador.

Para esta análise, selecionamos um quadro específico que reúne simbologias da República e da Monarquia, assim como fez Lopes⁵⁴. Na ilustração, podemos observar a Argentina representada pela alegoria de República, uma figura feminina de vestes greco-romanas e com o barrete frígio na cabeça. Embaixo da imagem, temos a legenda “E a República vizinha marcha livre e desassombrada”.

No lado esquerdo do quadro, temos o Brasil representado novamente pela figura do índio, que puxa com esforço uma carruagem em forma de coroa. Na abertura da carruagem está sentado um cocheiro, que traz em uma das mãos um chicote, e na outra uma coleira para manter o índio como um cavalo puxando a carruagem. Dentro dela há a figura de uma mulher com uma faixa na qual se vê a palavra “Política”. A legenda retoma a mensagem da imagem: “Enquanto o Brasil anda se arrastando e carregando consigo um peso superior às suas forças, que nada produz e tudo consome”.

⁵³Revista Ilustrada, Rio de Janeiro, nº 283, p. 2, 21 jan. 1882.

⁵⁴LOPES, 2010, p. 276-277.

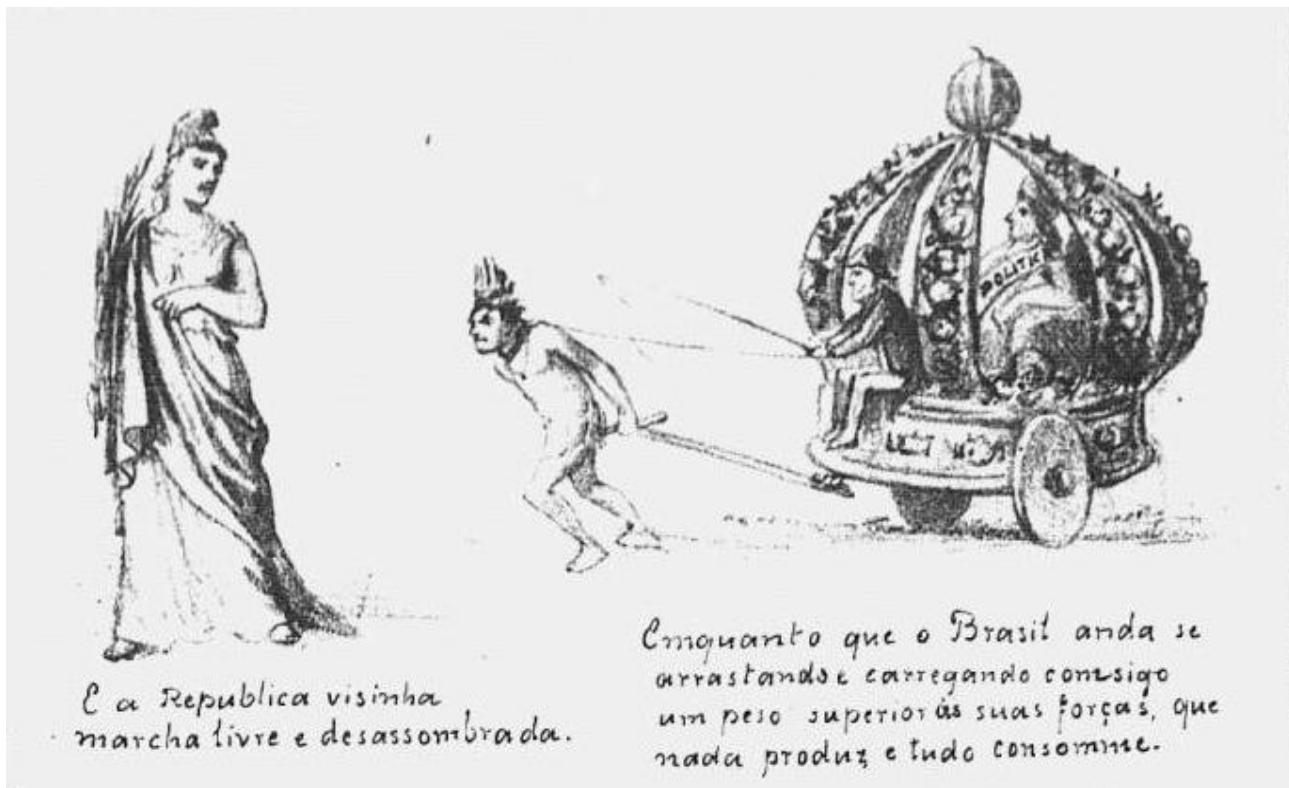


Figura 11 – O peso da coroa. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 23 jul. 1881.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

Assim, a crítica é direcionada à Monarquia, representada pela carroagem sob a forma de coroa, que aparece como um fardo para o país, um “peso superior” ao que o índio pode carregar, “que nada produz e tudo consome”. O mesmo serve para os políticos brasileiros, carregados tanto pela coroa quanto pelo índio. Em outro quadro mais adiante na história, temos a legenda “A política pois consiste em dar de comer aos de seu partido, enquanto os outros esperam que chegue sua vez”, o que mostra ainda mais a contundência da crítica.

Enquanto a Monarquia aparece como um peso para o Brasil, a República é ilustrada de forma leve e sem nenhum fardo, marchando “livre e desassombrada”. Desta forma, ao comparar as situações distintas vividas pelos dois países através de alegorias que remetem aos diferentes sistemas de governo, fica implícito que a República, ao menos no que condiz à questão industrial, é mais bem sucedida do que a Monarquia.

A partir dos anos 1880 a *Revista Ilustrada* passa a publicar caricaturas e textos com críticas mais diretas ao Governo. Além disso, começa a utilizar simbolismos relacionados à

Monarquia e à República de forma mais explícita, o que não acontecia nos primeiros anos. Sobre esta nova fase da campanha republicana no jornal, Lopes afirma que:

(...) as críticas do periódico ao Império foram direcionadas somente ao combate daquilo que avaliavam estar errado na condução da administração política imperial. Em outras palavras, significa que nem sempre a contraposição ao Império era necessariamente favorável à República. Poderia ser encaminhada a Dom Pedro II e, em grande parte das vezes, ao partido político que estava na direção do Conselho de ministros.⁵⁵

4.4 Terceira fase (1888-1889)

Com a Abolição dos escravos promulgada em 13 de maio de 1888, o posicionamento crítico da *Revista Ilustrada* passa por mudanças. Em primeiro lugar, a principal bandeira do periódico e a que suscitava mais críticas ao Governo era a do fim da escravidão. Assim, quando esta foi abolida, a motivação para as críticas à Monarquia diminuiu de forma considerável. Em segundo lugar, como observam Ribeiro (1988) e Lopes (2010), a *Revista* ficou bastante incomodada com a atitude do Partido Republicano ao aceitar novos filiados que até então nada tinham a ver com a luta pela República. Composto principalmente por fazendeiros que estavam apenas recentemente insatisfeitos com o regime monárquico, esse grupo de novos membros foi acusado de só estar se filiando devido ao prejuízo com a Abolição.

Essa situação está ilustrada em uma imagem publicada em junho de 1888, onde o cenário é uma lavoura de café. Nela aparece uma fila extensa de fazendeiros demonstrando súbito apoio à alegoria de República. Com expressões de revolta e insatisfação, esses fazendeiros estão com chapéus erguidos e trazem bandeiras nas quais estão expressas frases de protesto. Uma delas traz as seguintes reivindicações: “Abaixo a Monarquia Abolicionista! Viva a República com indenização!”. Assim, fica clara a intenção da ilustração de evidenciar que o único interesse dos fazendeiros para apoiar a causa republicana era a indenização pelos escravos perdidos, medida que a Monarquia não adotou.

À frente dos fazendeiros revoltosos temos a já tradicional figura feminina com vestes greco-romanas e o barrete frígio simbolizando a República brasileira. A mulher tem um dos braços erguidos em direção aos manifestantes e exibe semblante de insatisfação. A legenda da

⁵⁵LOPES, 2010, p. 278.

imagem funciona como sua fala: “Não vos aproximeis de mim! Vossas mãos ainda tintas do sangue dos escravos, manchariam as minhas vestes! Retirai-vos, eu não vos quero...”. Dialogando com o texto, a mulher segura parte de suas vestes, como que a puxando para longe dos fazendeiros e evitando as manchas de sangue. Na margem direita da imagem, temos alguns trabalhando na lavoura e outros observando a situação com o semblante risonho.

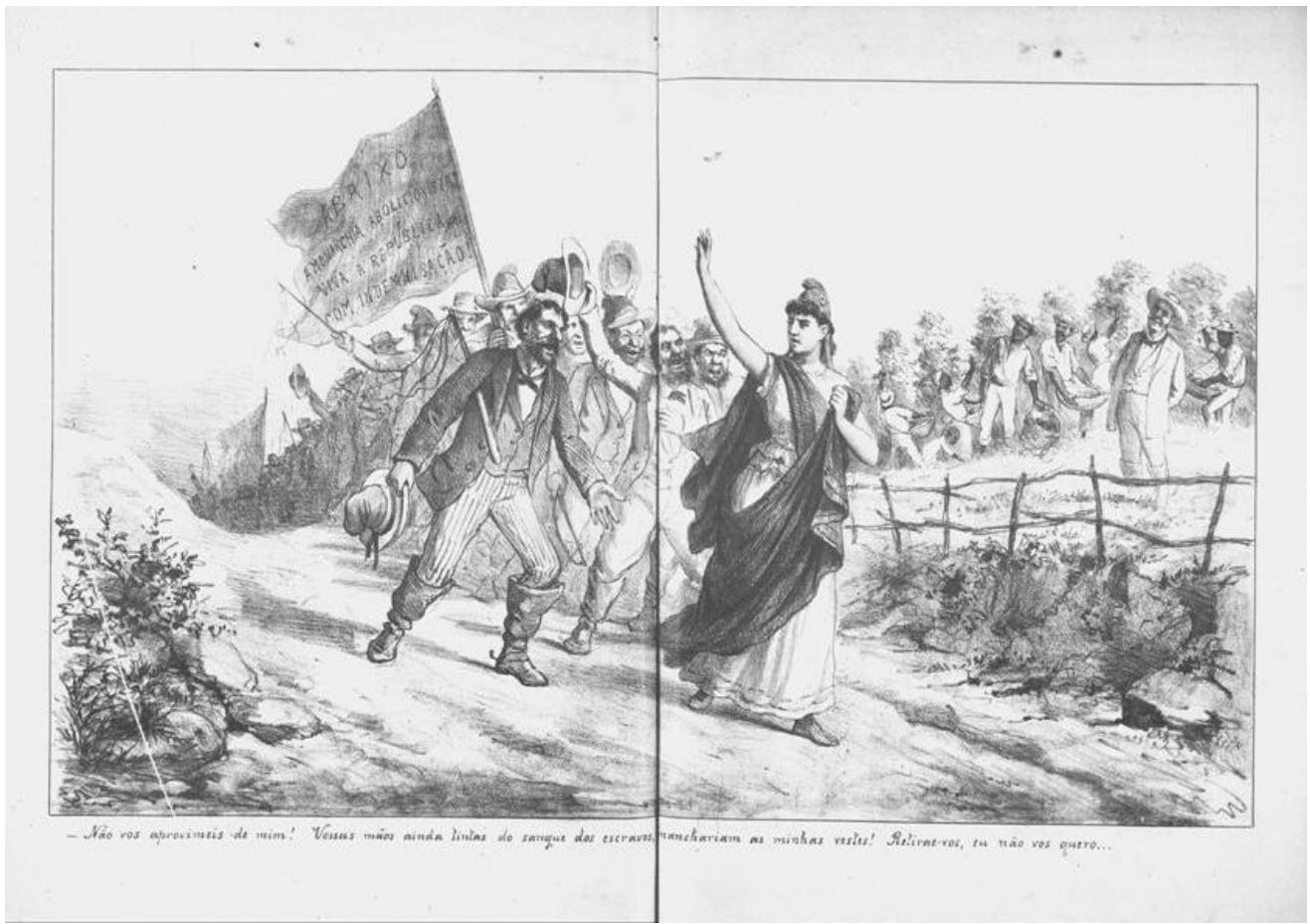


Figura 12 – República renega fazendeiros. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 9 jun. 1888.
Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

Desta forma, enquanto os fazendeiros tentam demonstrar apoio à República, esta os repudia e nega suas reivindicações, condenando o passado de escravocratas. A atitude da alegoria republicana é o que a *Revista* defende. Em artigo publicado nesta mesma edição, o periódico aborda o tema:

Todos esses evadidos das senzalas, todos esses surradores de escravos, todos esses parasitas do suor alheio, acharam que a ocasião era boa para se declararem republicanos.

Esse movimento, porém, está isolado entre grupos negreiros e só é explorado por imbecis, que julgam que a república, no Brasil, pode assentrar sobre troncos, sobre feitores de eito e até sobre assassinos.

(...) Não demos a menor importância a esse movimento anarquista, promovido por antigos proprietários de escravos. É um fogo de palha, cuja fumarada negra faz lembrar a instituição homicida, que esses <<democratas>> queriam perpetuar.⁵⁶

No entanto, se nesta edição o periódico parecia alertar o Partido Republicano e incentivá-lo a tomar a atitude “correta”, ou seja, repudiar os novos membros republicanos, que só estavam ali devido à insatisfação com a Abolição da escravidão, na edição seguinte o tom é ainda mais ácido e a crítica passa a ser diretamente ao partido.

Em sua imagem de capa, a *Revista Ilustrada* traz Quintino Bocaiúva e Saldanha Marinho em um pequeno barco, puxando uma rede do mar, como se estivessem pescando. Atrás deles, outros homens parecem fazer o mesmo, e a vela do barco traz os dizeres “Partido Republicano”, deixando explícita a intenção da charge.

Ao final da ilustração, uma legenda em forma de diálogo entre os dois políticos. Um fala para o outro: “Os lavradores estão despeitados contra a monarquia...”, no que o outro responde: “Que boa ocasião para lançarmos a rede. Não verão eles que as águas são turvas e o fundo é de lodo?”.

Assim, o mesmo assunto da última edição foi repetido, mas com uma abordagem diferente. Desta vez foi feita uma clara ironia em relação à atitude do Partido Republicano, que, no lugar de repudiar os fazendeiros insatisfeitos como desejava a *Revista*, parecia estar fazendo justamente o contrário: “lançando a rede”, ou seja, “pescando” esses lavradores para apoiarem o partido.

⁵⁶Revista Ilustrada, Rio de Janeiro, nº 500, p. 2, 9 jun. 1888.

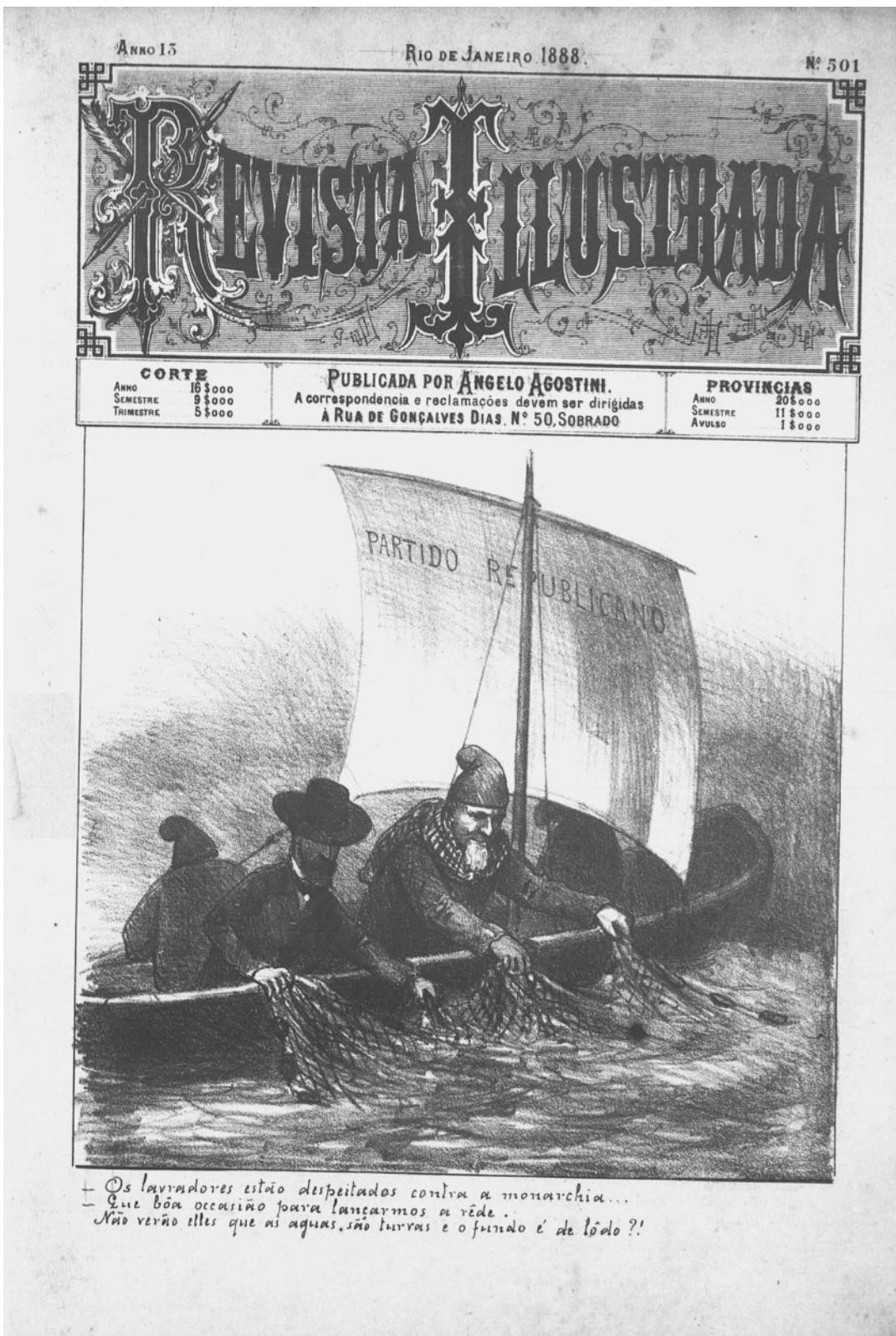


Figura 13 – Crítica ao Partido Republicano. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 16 jun. 1888.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

Além disso, mais uma vez é deixada explícita a revolta dos fazendeiros com a Monarquia, dizendo que estes estavam “despeitados”, em clara alusão à Abolição. E o barco dos republicanos, por sua vez, navega em “água turva” e com “fundo de lodo”, indicando a opinião da *Revista* de que o partido seguia por um mau caminho.

O artigo de fundo⁵⁷ desta edição é o texto intitulado “República do Rio do Peixe”, uma alusão ao assassinato do delegado Joaquim Firmino na Penha do Rio do Peixe, cidade do interior de São Paulo, em fevereiro de 1888. O delegado foi assassinado por um grupo de aproximadamente 200 fazendeiros revoltados com a ajuda prestada por Firmino a escravos fugitivos, que os enviava para lugar seguro ou recusava-se a capturá-los.⁵⁸ O trocadilho usado no título provavelmente também serviu de inspiração para a ilustração da capa, que representa uma pescaria.

No artigo, o redator simula um diálogo entre os fazendeiros e o “povo”, nos quais os primeiros tentam convencer os “cidadãos” e “eleitores” a apoiarem a República indenizatória. O seguinte trecho retirado do jornal corresponde à resposta da população aos lavradores:

Vocês são uns gênios. A ocasião é fresca, para atacar a monarquia. Agora que ela conquistou o coração do povo, agora que ela enche de glórias do Brasil, agora que ela lavou o nosso pavilhão da mancha secular, agora que ela tem a gratidão de 600 mil libertos, agora que ela nos dá a liberdade, agora que nos sorri com o progresso, agora que os mandou plantar batatas ou café diretamente, agora, é que vocês querem mudar a forma de governo... Que diabo! Se vocês se tem lembrado disso durante o ministério Cotelipe, quem sabe? Foi um esquecimento fatal. Se tem libertado os seus escravos, por patriotismo, e se nos aparecem... Mas, agora, depois que a monarquia se tornou popular e querida? Vocês estão errados. Agora, é um pouco tarde! Ignez é morta.⁵⁹

Por esse texto é possível percebemos que a *Revista* parece não mais apoiar a República, e suas críticas à Monarquia são aqui esquecidas. Ao contrário, o artigo afirma que ela “conquistou o coração do povo” e se tornou “popular e querida” aos olhos da população e, ao que tudo indica, aos olhos do semanário. Assim, fica evidente que o maior motivo de descontentamento do periódico de Agostini em relação à Monarquia era justamente o sistema escravocrata. Com a

⁵⁷Artigo de fundo era o texto que abria os periódicos no século XIX, apresentando a opinião do jornal sobre um tema da atualidade, semelhante ao que chamamos hoje de editorial.

⁵⁸Disponível em: <http://www.cidadededitapira.com.br/portal/?p=newsShow&cod=2480>. Acessado em 30 de outubro de 2013.

⁵⁹*Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 501, p. 2, 16 jun. 1888

Abolição, as críticas à família real diminuem consideravelmente e passam a ser direcionadas aos políticos.

4.5 Quarta fase (1889)

Quando chegamos ao período de proclamação da República do Brasil, em novembro de 1889, Agostini já não mora no país, apesar de a *Revista Ilustrada* ainda trazer os dizeres “Publicada por Angelo Agostini” em sua capa. É neste acontecimento específico de mudança do sistema de governo que, segundo Lopes e Ribeiro, o jornal muda o tom da sua abordagem em relação à República e passa a apoiá-la incondicionalmente.

A primeira edição da *Revista* após a proclamação do novo governo foi no dia 16 de novembro. O semanário foi distribuído em um sábado, como de costume, mas não traz menção à República em sua capa. Isso se deve ao provável fato de a edição já estar pronta quando aconteceu a Proclamação e, levando-se em conta a tecnologia da época, não seria possível reformular o periódico para noticiar o acontecimento. Assim, a capa do dia 16 traz o retrato do senador Luiz Antônio Vieira da Silva, falecido em 3 de novembro daquele ano. Na página 2, o artigo de fundo abre com um texto noticiando a Proclamação e saudando a República:

A hora de entrar a nossa folha no prelo os atos do gabinete 7 de Junho e indiferença da coroa a tantos abusos deram os seus legítimos frutos: foi proclamada a República Federal Brasileira, único regime que convém à nossa pátria e que havia de ser um fato mais hoje mais amanhã.

O gabinete demissionário, precipitou porém os acontecimentos, e hoje em plena paz, no meio do regozijo popular saúda-se, de todos os lados o novo e fecundo regime da democracia, do direito e do futuro da América.

Nestas mesmas colunas, há apenas dois meses, analisando os atos do ministério, dissemos que o Sr. Afonso Celso estava representando para a República o mesmo papel que o Sr. Barão de Cotegipe representara para a abolição.

Realizaram-se nossos vaticínios, e sentimo-nos felizes, porque isso tenha acontecido, em meio do regozijo e da confraternização mais admirável que se tem visto entre Povo, Exército e a Armada Nacional.

Honra ao civismo dos Brasileiros!⁶⁰

⁶⁰ *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 569, p. 2, 15 nov. 1889.

O texto intitulado “A República” volta a falar em “indiferença da coroa a tantos abusos” e atribui grande parte da culpa ao gabinete ministerial formado no dia 7 de junho de 1889. De orientação liberal, o gabinete teve como presidente Afonso Celso de Assis Figueiredo, o Visconde de Ouro Preto. Chamando o novo governo de “regime da democracia”, o texto ressalta o que teria sido uma “admirável confraternização” envolvendo o povo brasileiro, o Exército e a Armada Nacional. A *Revista*, portanto, afirma sentir-se feliz e saúda o “civismo dos brasileiros”.

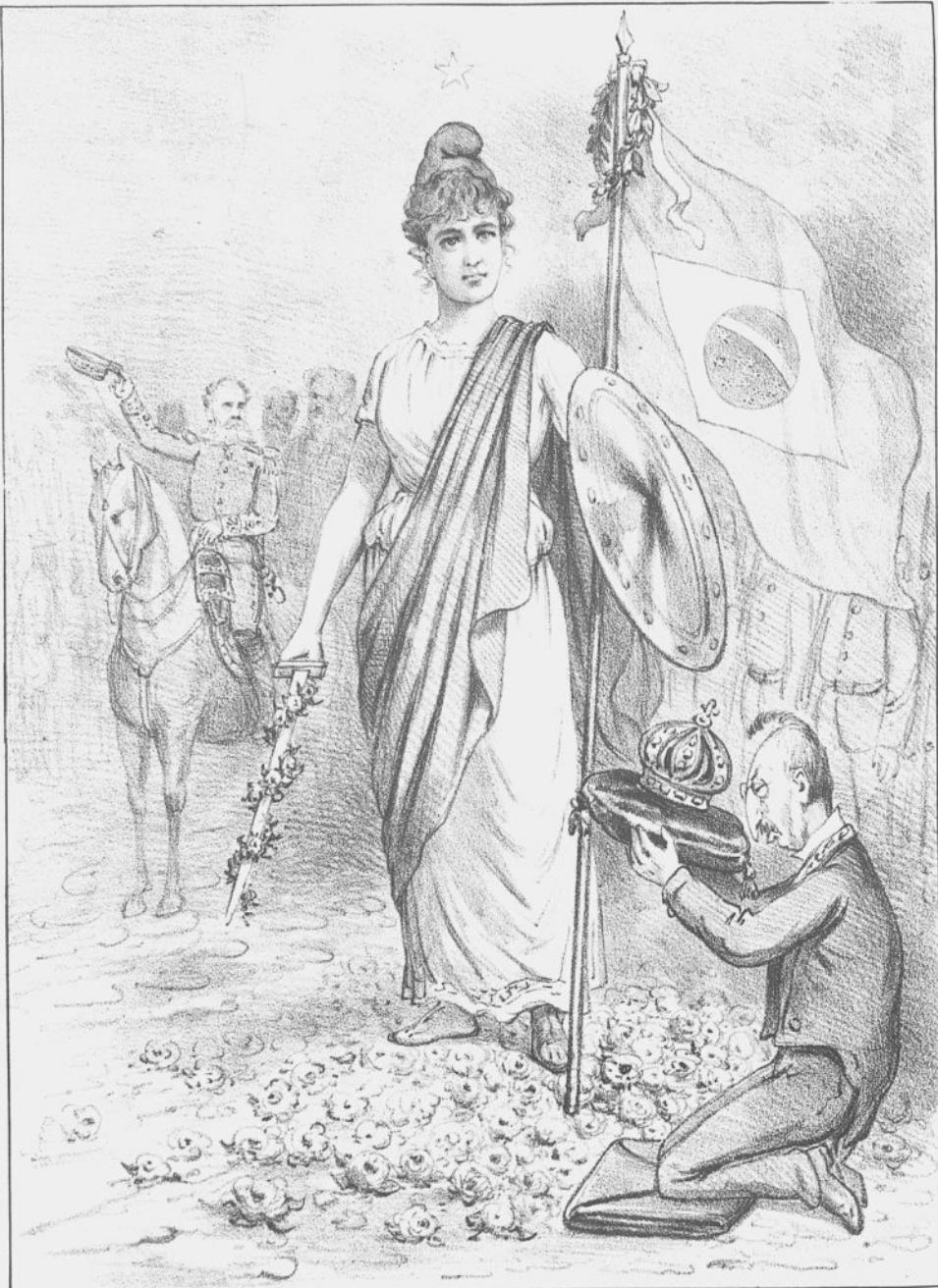
Logo abaixo do artigo de fundo há um texto dedicado ao senador Vieira da Silva, e que provavelmente estava previsto para ser a abertura da página antes de a República ser proclamada. O periódico segue, então, com matérias sobre assuntos variados, como o baile da Ilha Fiscal, que ocorreu no dia 9 de novembro, uma polêmica envolvendo a proibição da Igreja às cerimônias religiosas em homenagem ao falecimento do senador, notícia sobre artes, entre outras. As páginas 4 e 5, sempre ilustradas, trazem uma série de quadrinhos sobre o baile da Ilha Fiscal.

Ao final da publicação, na página 8, uma imagem referente ao novo governo, com o título “Proclamação da República no Brasil”. A alegoria da República, novamente uma figura feminina de vestes greco-romanas e barrete frígio, aparece no centro da ilustração, segurando uma espada em uma das mãos e um escudo e a bandeira do Brasil em outra.

Em segundo plano está Deodoro da Fonseca em cima do seu cavalo, com o chapéu erguido como saudação ao povo. Aos pés da figura feminina há rosas espalhadas pelo chão e, ao canto direito, ajoelhado, Visconde de Ouro Preto lhe oferece a coroa da Monarquia. Na legenda, os dizeres: “Glória à pátria! Honra aos heróis o dia 15 de novembro de 1889. Homenagem da ‘Revista Ilustrada’”.

Além das regulares oito páginas do jornal, foi feito um suplemento para homenagear os envolvidos com a mudança de governo. O título é “O Primeiro Ministério dos Estados Unidos do Brasil / Honra à pátria!”. De página dupla, o suplemento consiste em uma ilustração contendo retratos dos novos ministros. São eles: Aristides Lobo, Ministro do Interior; Tenente Coronel Benjamin Constant, Ministro da Guerra; Rui Barbosa, Ministro da Fazenda; Marechal Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório; Quintino Bocaiúva, Ministro das Relações Exteriores; Campos Salles, Ministro da Justiça; Chefe de Divisão Eduardo Wandenkolk, Ministro da Marinha; e Demetrio Ribeiro, Ministro da Agricultura. Entre Aristides Lobo e Benjamin Constant, há ainda um louro romano com o barrete frígio no centro e uma estrela logo acima, simbolizando a República.

PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA NO BRAZIL



GLORIA À PÁTRIA! HONRA AOS HERÓES DO DIA 15 DE NOVEMBRO DE 1889.

HOMENAGEM DA "REVISTA ILLUSTRADA"

Figura 14 – Homenagem à República. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 16 nov. 1889.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

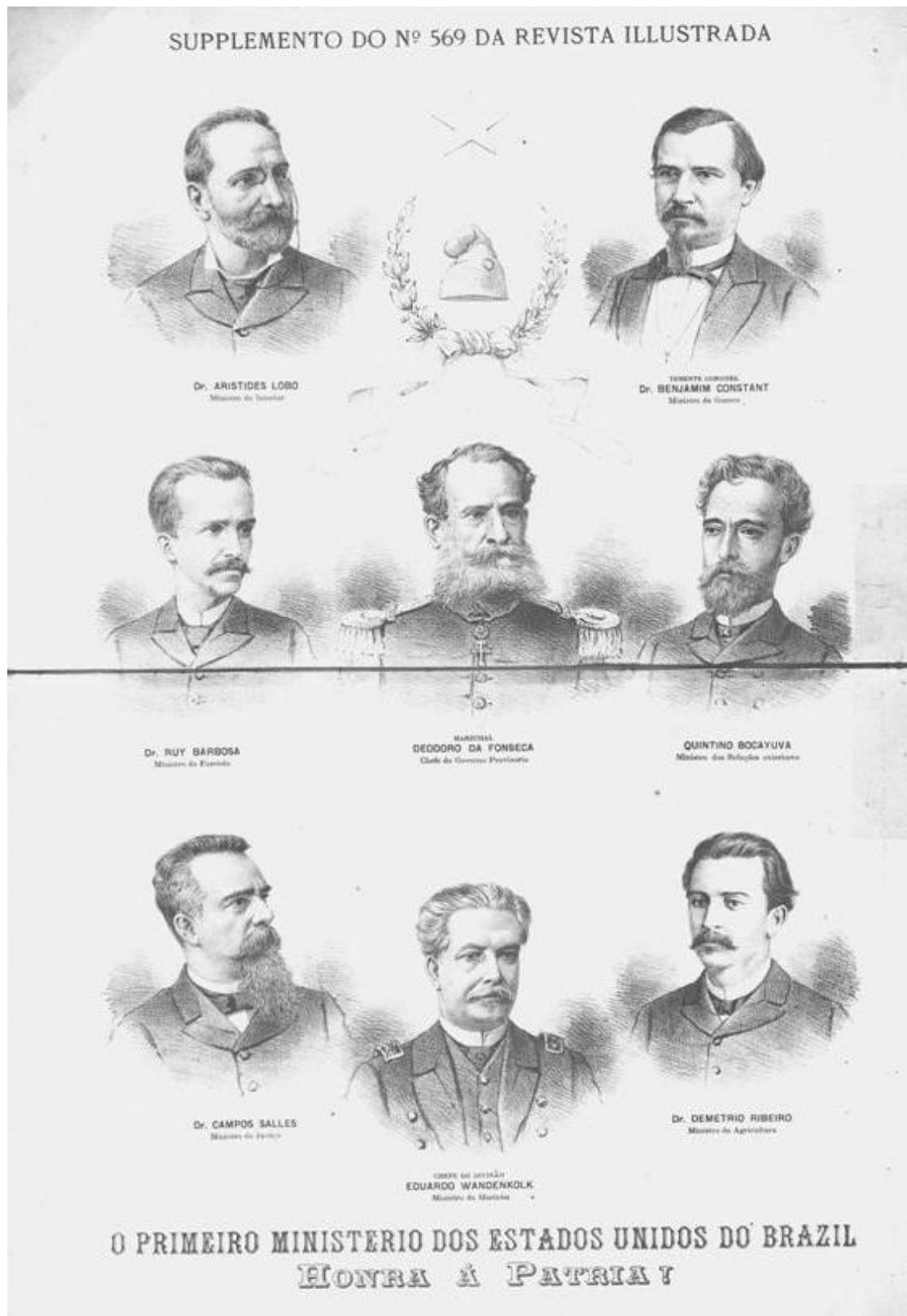


Figura 15 – Formação do Ministério. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 16 nov. 1889.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

Assim, podemos perceber que, apesar de provavelmente já ter sua edição fechada, a *Revista Ilustrada* se empenhou para incluir as notícias da Proclamação do novo governo, abrindo com um artigo de fundo de apoio à República, publicando uma ilustração na última página e ainda acrescentando um suplemento extraordinário com a composição do Governo Provisório.

Contudo, como se tratou de uma edição feita às pressas, incluindo-se nas folhas o que a tecnologia da época permitia, julgamos que valia à pena analisar também o exemplar seguinte, este sim pensado com cuidado e tempo para trazer o que a *Revista Ilustrada* imaginava pertinente sobre o tema.

O exemplar seguinte de 2 de dezembro de 1889 foi publicado três semanas depois da edição de 16 de novembro, o que evidencia a irregularidade enfrentada pelo jornal após a saída de Agostini, conforme foi discutido no capítulo anterior. A publicação traz novamente um retrato em sua capa, desta vez de Felipe J. Moreira, redator do jornal argentino *El Censor*. A justificativa para a homenagem aparece na página 2, no texto “Distinto Jornalista”. Nele, o redator saúda Felipe Moreira e explica que o argentino veio ao Brasil para acompanhar o desenrolar da proclamação da República.

Contudo, o artigo de fundo, coluna que abre a parte textual da *Revista*, é intitulado “Estados Unidos do Brasil”. O texto comenta sobre o novo sistema de governo brasileiro, classificando-o como a “coroação de todos esses heroísmos de um povo nobre”, ou seja, como um movimento de progresso que teria começado com a Independência, passando pela Lei do Ventre Livre e pela Abolição dos escravos e se completando com a República.

Quanto ao fim da escravidão, o redator dá grande destaque, argumentando que o país conseguiu decretá-lo sem se transformar em um “campo de batalhas”, mas sim em meio a um “úníssono de corações”, o que teria despertado admiração nos países ditos mais civilizados. É feito um paralelo com a Proclamação da República, onde tudo aconteceu “sem um motim” e “sem a morte de um único cidadão”. Além disso, mais uma vez critica a formação do último Gabinete da Monarquia, no dia 7 de junho, considerado um atraso para o país. Mas o tom principal do texto foi o de exaltação ao novo Governo:

Restava a coroação de todas essas grandes conquistas do progresso: restava a apoteose. Esta, finalmente, realizou-se a 15 de novembro, enchendo de desvanecimento os corações brasileiros e assombrando o mundo. Nossa pátria conquistou um renome imortal, e, hoje, em toda a parte, os filhos do Brasil são

acariciados, e tornam-se alvo das homenagens dos povos civilizados, como pertencendo a uma raça de homens extraordinários.⁶¹

Na página 3 há um novo texto sobre o tema, “Em plena República”, onde se discute a situação de “todos os que estavam nas boas graças da Monarquia”. O redator defende que não se deve delegar cargos de confiança a homens do antigo Governo, pois considera-os “traidores” por não terem defendido a Monarquia e, portanto, da mesma forma poderiam trair o novo regime.

Dizemos e repetimos: para os cargos de confiança e responsabilidade, para os guardas da República, ponham-se as condescendências de lado, e só sejam escolhidos homens de toda a confiança, que tenham dado provas públicas de amor e dedicação ao novo regime, antes dele ser a única saída possível às atividades, antes dele sorrir a todas as almas com o colorido róseo das grandes vitórias. Tomemos a experiência que a monarquia nos oferece. Os que estavam de guarda nos seus postos de honra entregaram-nos, sem resistência à República. Agora, nós, escolhamos um pessoal, que recebendo as posições da mão da República, prefira cair sem vida, antes que entregar seus postos de honra a outras mãos que as que lhes confiaram a guarda das novas instituições.⁶²

Na coluna seguinte, “Festas”, a *Revista Ilustrada* afirma que seu escritório estava em festa pelo exemplar de nº 569, acompanhado do suplemento com retratos dos membros do Governo Provisório, pois as edições da folha foram “esgotadas com a máxima velocidade”. Já na página 4, uma charge com a reação de alguns personagens à proclamação da República é publicada. No primeiro quadrinho encontra-se o repórter da *Revista Ilustrada* “no gozo da mais perfeita etc. e tal”, sendo o único satisfeito com a mudança do sistema de governo. Os outros personagens são desenhados com expressão de revolta ou indignação: diplomatas brasileiros, Visconde de Outro Preto, Conde d’Eu, Barão de Penedo e o comendador Malvino Reis. Além disso, a charge também critica o jornal *Tribuna Liberal*, acusando-o de ter passado para a oposição.

Na página 5, outra ilustração com a temática republicana: um retrato homenageando o major Frederico Sólon de Sampaio Ribeiro, integrante do Exército brasileiro que teve importância reconhecida na conspiração pela derrubada da Monarquia. Na legenda da imagem, os dizeres: “O ilustre Major Sólon. Viva a República!”.

⁶¹ *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 570, p. 2, 2 dez. 1889.

⁶² *Idem*, p. 3.



Figura 16 – Os insatisfeitos com a República. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 2 dez. 1889.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

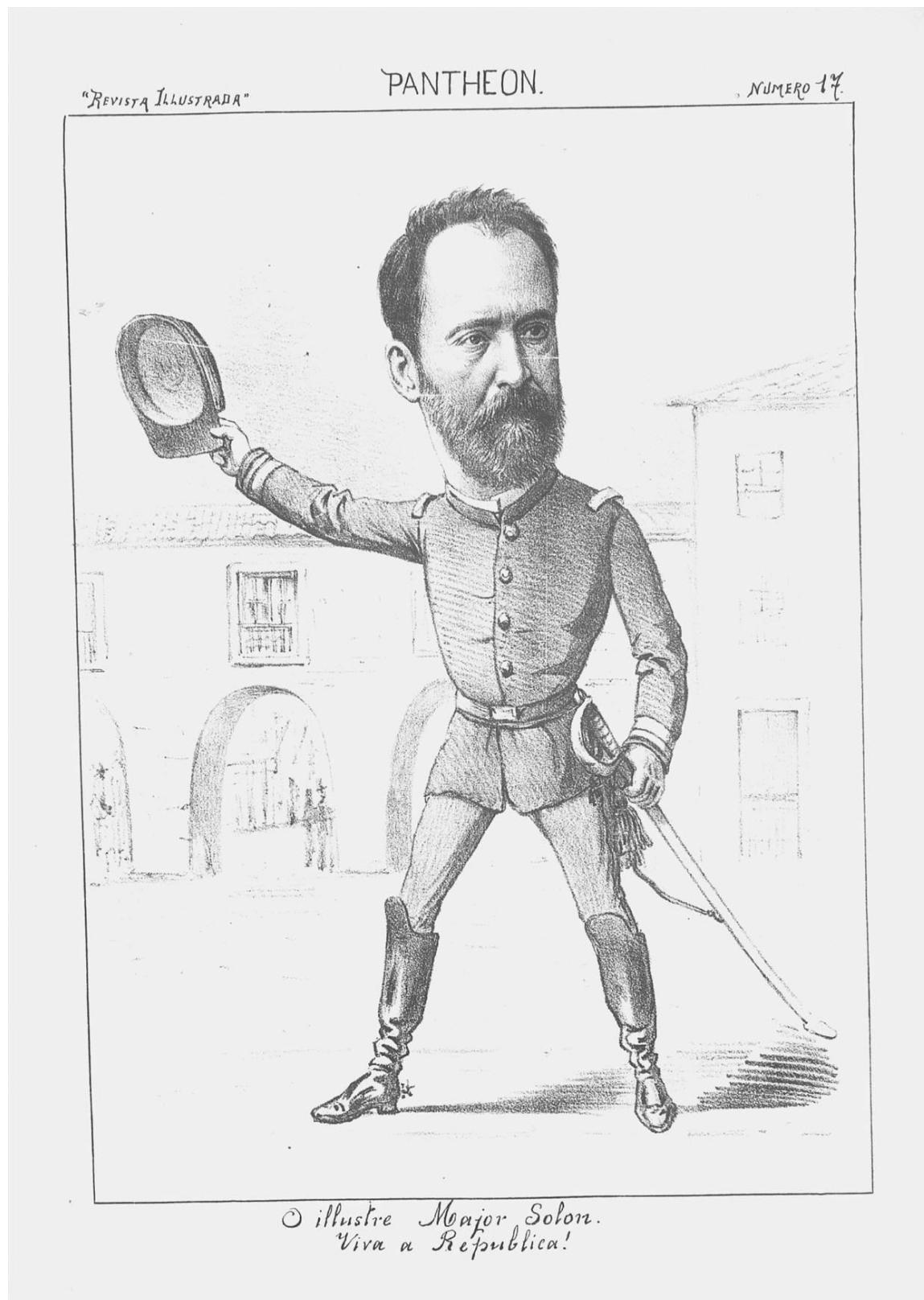


Figura 17 – Homenagem ao Major Solon. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 2 dez. 1889.

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

Mais adiante, na página 6, a crônica “Páginas cor de rosa”, novamente fazendo elogios ao novo regime. O autor do texto descreve o clima da capital logo após a Proclamação e comenta a situação de D. Pedro II, considerando-a confortável e digna, afirmando que o Imperador possui recursos mais do que suficientes para viver uma vida patriarcal. Sobre o título, a “cor de rosa” se refere à aurora republicana que veio iluminar o país:

Como Byron, o povo brasileiro deitou-se obscuro e acordou celebre. No dia 14, ainda, as instituições do passado dominavam soberanas sobre o país, que, apenas, murmurava. A 15, a aurora que iluminou os céus e a terra brasileira foi a própria República.⁶³

Nas duas últimas páginas, a *Revista* aborda notícias teatrais, cita livros recebidos pela redação e publica uma ilustração de Carlos Monteiro e Souza, representante da Edison no Brasil e um dos difusores do telefone pelo país. Assim, a edição de 2 de dezembro teve na recente proclamação da República seu grande foco, tanto na parte textual quanto na ilustrada. O periódico mantém suas críticas aos políticos monarquistas e especula sobre situações que estão por vir, como a escolha dos cargos de confiança do novo Governo.

Colocando sempre a Abolição dos escravos como passo importante para o progresso do país, a *Revista* caracteriza a República como a “coroação” desta luta, o último passo dado em direção ao mundo civilizado. E, mesmo que nos últimos meses o periódico tenha dirigido críticas severas ao Partido Republicano, tudo parece ter sido esquecido e a Proclamação é coberta de elogios, marcando uma mudança da *Revista* daquele dia em diante.

⁶³Idem, p. 6.

5. CONCLUSÃO

As análises feitas ao longo do trabalho a partir de imagens e textos retirados da *Revista Ilustrada* buscaram, ainda que parcialmente, apresentar e discutir como o periódico lidou com a questão republicana em suas páginas até a Proclamação, procurando entender os diferentes contextos nos quais as publicações foram feitas e no que isso influenciou a orientação editorial da revista.

Neste sentido, a análise das ilustrações junto aos textos foi de grande importância para a compreensão da linha editorial do semanário em cada fase exposta. Imagens e artigos se complementavam na maioria das vezes, o que colaborou de forma imprescindível para a interpretação de ambos e do contexto social e político nos quais aquelas matérias estavam inseridas. Em última instância, possibilitou a compreensão das diferentes mensagens que a *Revista* tentou passar ao longo de sua existência.

Como foi apresentado ao longo do terceiro e do quarto capítulo, o periódico foi o principal exemplar da imprensa ilustrada na segunda metade do século XIX, publicando em suas páginas notícias sobre o cotidiano da sociedade brasileira e sempre opinando sobre temas sociais, políticos e econômicos centrais para o país. Entre as inúmeras bandeiras levantadas pelo semanário, a principal e mais bem sucedida delas foi a campanha abolicionista, o que proporcionou à *Revista Ilustrada* e a Angelo Agostini reconhecimento e posição de destaque junto à imprensa brasileira e aos principais políticos envolvidos com a Abolição.

Contudo, foi justamente após a conquista do fim da escravidão que o periódico passou por grandes mudanças, principalmente devido à saída de Agostini, que voltou a morar na Europa. Como vimos no terceiro capítulo, a revista passou a publicar anúncios em suas páginas, atitude que até então havia sido uma das maiores críticas do caricaturista em relação aos outros jornais, e mudou significativamente a sua linha editorial, passando de uma postura combativa para de total subserviência ao novo Governo.

Essas especificidades analisadas serviram para contextualizar e compreender as diferentes formas que o ideário republicano foi representado na *Revista*, assunto tratado no quarto capítulo. Como foi apresentado, o periódico começa a sua campanha de forma indireta, com críticas mais sutis e apoio aos principais políticos republicanos. Em um segundo momento, já na década de 1880, às críticas à Monarquia se tornam mais severas à medida que a situação

dos escravos vai se tornando insustentável. Contudo, com a Abolição, há uma mudança na linha editorial do periódico, que saúda a Monarquia pelo feito e passa a criticar o Partido Republicano. Com a Proclamação da República temos outra virada na *Revista*, que passa a apoiar incondicionalmente o novo Governo.

A partir da análise podemos sugerir algumas explicações para essas mudanças na linha editorial do periódico. Sendo a Abolição dos escravos a principal bandeira da *Revista Ilustrada*, a crítica à Monarquia esteve diretamente associada à exigência do fim da escravidão. Quando a Abolição é decretada, o periódico alcança êxito em sua campanha, fica satisfeito com o Governo e passa a defender a família real, perdendo a principal motivação para continuar criticando a Monarquia e confiando que reformas daquele tipo bastariam para o progresso do país.

Além disso, como já foi dito, tivemos também a saída de Agostini como um dos principais fatores que podem explicar o posterior apoio à República e a alteração significativa na linha editorial do periódico, descaracterizando a *Revista* de tal forma que, na década de 1890, pouco se assemelhava com o que foi apresentado em seus tempos áureos.

Este trabalho, contudo, representa uma pequena parte das inúmeras possibilidades de reflexões que o periódico pode proporcionar. Como foram analisados apenas algumas imagens e textos, permanece a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada sobre as diferentes orientações assumidas pela *Revista* ao longo de sua existência.

Um caminho pode ser a análise da relação entre a campanha abolicionista, principal bandeira de luta do semanário, e as outras campanhas veiculadas, entre elas a republicana, para a melhor compreensão de algumas dinâmicas editoriais internas da *Revista*, como foi sugerido no quarto capítulo.

Além disso, como o trabalho vai até o período de Proclamação da República, incluindo apenas as duas edições sob a regência do novo governo, cabe também uma pesquisa específica sobre esta nova fase do semanário que contemple o ideário republicano no período de apoio mais acentuado, analisando com mais cuidado as mudanças significativas na linha editorial e procurando entender suas motivações e as implicações que esta nova orientação representou junto aos leitores.

Este trabalho não teve, de modo algum, a pretensão de esgotar as pesquisas relacionadas à *Revista Ilustrada*, ou ainda sobre o ideário republicano encontrado nela. O objetivo foi propor

uma reflexão parcial sobre periódico e, assim, estimular o estudo aprofundado sobre cada uma delas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, José Carlos. **A Vida Fluminense, “folha joco-séria-illustrada” (1868-1875)**. In: INTERCOM. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, nº 32, p. 1-15. Curitiba, 2009.

BALABAN, Marcelo. **Poeta do lápis: a trajetória de Angelo Agostini no Brasil**. Campinas: Unicamp, 2005 [Tese de doutorado].

BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BARREIROS, Rubiana de Souza. **A presença de romances na Revista Illustrada**. Campinas: Unicamp, 2009 [Dissertação de mestrado].

CARVALHO, José Murilo. **A Formação das Almas. O imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GALLOTTA, Brás Ciro. **Humor nos periódicos paulistanos: O Diabo Coxo (1864-1865) e o Cabrião (1866-1867)**. São Paulo: PUC-SP, 2007.

GOMES, Angela de Castro. **O 15 de Novembro**. In: GOMES, Angela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves; ALBERTI, Verena (Org.). **A República no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p. 13-29.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Atielê, 2001.

LEMOS, Renato. **A alternativa republicana e o fim da monarquia**. In: Grinberg, Keila e SALLES, Ricardo (orgs.), **O Brasil Imperial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, v. III.

LOPES, Aristeu Elisandro Machado. **A República e seus símbolos: a imprensa ilustrada e o ideário republicano, 1868-1903**. Porto Alegre: UFRGS, 2010 [Tese de doutorado].

MAGALHÃES, Marcelo de Souza. **Crônicas na vida da cidade: o cotidiano da política nas páginas da Revista Ilustrada (1892-1898)**. Urbana. Campinas, v. 2, n. 2, 2007.

RIBEIRO, Marcus Tadeu Daniel. **Revista Ilustrada (1876 -1898), síntese de uma época**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998 [Dissertação de mestrado].

SILVA, Maria Cristina Miranda da. **A presença dos aparelhos e dispositivos ópticos no Rio de Janeiro do século XIX**. São Paulo: PUC-SP, 2006 [Tese de doutorado].

TELLES, Angela Cunha da Motta. **Desenhando a nação: revistas ilustradas no Rio de Janeiro e de Buenos Aires nas décadas de 1860-1870**. Brasília: FUNAG, 2010.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **Federalismo e cidadania na imprensa republicana (1870-1889)**. Tempo. Niterói, v. 18, n. 32, p.137-161, 2012.